



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO A DISTÂNCIA
ESPECIALIZAÇÃO *LATO-SENSU* GESTÃO EM ARQUIVOS**

**TENDÊNCIA EMPREENDEDORA: PERFIL DOS
ALUNOS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

Aline Medianeira Ramiro Vedoin

São João do Polêsine, RS, Brasil

2010

**TENDÊNCIA EMPREENDEDORA: PERFIL DOS ALUNOS DO
CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA MARIA**

por

Aline Medianeira Ramiro Vedoin

Monografia apresentada ao Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para
obtenção do título de
Especialista em Gestão em Arquivos

Orientadora: Prof^ª. Olga Maria Correa Garcia

São João do Polêsine, RS, Brasil

2010

**Universidade Federal de Santa Maria
Universidade Aberta do Brasil
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Monografia de Especialização

**TENDÊNCIA EMPREENDEDORA: PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO
DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
MARIA**

elaborada por
Aline Medianeira Ramiro Vedoin

como requisito parcial para obtenção do título de
Especialista em Gestão em Arquivos

COMISSÃO EXAMINADORA:

Olga Maria Correa Garcia, Ms.
(Presidente/Orientadora)

Fernanda Kieling Pedrazzi, Ms. (UFSM)

Sonia Elisabete Constante, Ms. (UFSM)

São João do Polêsine, 10 de julho de 2010.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço profundamente a Deus por ter me dado forças para superar as dificuldades, amparando-me nos momentos difíceis e mostrando, sempre, o melhor caminho pelo qual eu deveria seguir.

Aos meus pais e irmãos por estarem sempre ao meu lado, consolando-me nos momentos tristes e vibrando em cada conquista, como se fossem suas. Em especial, dedico esta monografia a minha mãe, minha fiel protetora, incentivadora e meu eterno porto-seguro.

A minha alma gêmea, meu amor, meu noivo Eduardo. Muito obrigada por ter compreendido minha ausência neste tempo e por ter me proporcionado ao longo desses cinco anos de convivência, os melhores e mais intensos momentos de minha vida!

As minhas melhores amigas Nize e Tassi pelo incentivo e compreensão desde sempre. Muito obrigada por estarem ao meu lado, e muitas vezes apenas com um olhar já me entendiam e com abraços e palavras me fizeram acreditar que amizade que nem a nossa é para a vida toda!

As melhores colegas de curso que já tive: Litieli, Mariana e Sabrina. Vocês foram presentes que a Administração me proporcionou.

Ao trio da Arquivologia: Iuri, Fran e Vivi. Amigos especiais e iluminados com quem eu tive o prazer de desfrutar de momentos incríveis. Obrigada por juntos compartilharmos preocupações, angústias assim como risadas e alegrias neste caminho da pós-graduação.

Ao Curso de Pós-Graduação Gestão em Arquivos, pela oportunidade de acesso a um ensino gratuito e de qualidade. Em especial, agradeço a Coordenadora Professora Denise, pelo exemplo de profissionalismo, pró-atividade e carisma na Arquivologia.

A professora Olga, por ter aceitado ser minha orientadora e por sempre ter colaborado com sua sabedoria e comprometimento junto a presente pesquisa. Suas ideias e críticas, sempre construtivas serão levadas para sempre. Muito obrigada por termos chegados até aqui!

As professoras Fernanda, Sonia, Denise e Olga por integrarem minha banca de defesa, obrigada pelo voto de confiança.

A todos os professores, funcionários e alunos do curso de Arquivologia que colaboraram para que esta pesquisa se concretizasse. Muito obrigada!

Aos colegas do Departamento de Arquivo Geral da UFSM. Obrigada pelas palavras amigas e por me incentivarem a mais esta conquista.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que de alguma forma auxiliaram para que hoje eu suba mais um degrau em minha vida, mais uma missão cumprida!

A todos o meu sincero e carinhoso: Muito obrigada!

RESUMO

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos
Universidade Federal de Santa Maria

TENDÊNCIA EMPREENDEDORA: PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

AUTORA: ALINE MEDIANEIRA RAMIRO VEDOIN

ORIENTADORA: PROF.^a OLGA MARIA CORREA GARCIA

Data e Local da Defesa: São João do Polêsine/RS, 10 de julho de 2010.

A tendência empreendedora dos alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria foi estudada por meio da realização de uma pesquisa, com objetivo geral de traçar o perfil empreendedor dos alunos do curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria. A coleta de dados deu-se com a aplicação do teste TEG (Tendência Empreendedora Geral), instrumento amplamente difundido em instituições de ensino para avaliar o nível de empreendedorismo dos alunos. O instrumento foi aplicado para identificar características do comportamento empreendedor e possibilitou analisar a tendência empreendedora dos alunos por meio de cinco categorias: necessidade de sucesso; necessidade de autonomia; tendência criativa; assumir riscos; e, impulso e determinação. A partir dos resultados, observou-se um nível muito baixo de empreendedorismo entre os alunos pesquisados, o que mostra a necessidade de uma educação empreendedora como forma de ensino e estímulo para a busca de soluções, criação e gestão de empreendimentos competitivos. Sendo assim, novos estudos devem ser desenvolvidos, para dar continuidade à análise do perfil empreendedor de alunos dos Cursos de Arquivologia, pois dessa forma, pode-se analisar se os programas de graduação atendem as perspectivas empreendedoras. Espera-se que esta pesquisa contribua para a formação de arquivistas, cada vez mais alinhados às exigências do mercado de trabalho.

Palavras-chave: perfil dos alunos; Curso de Arquivologia da UFSM; empreendedorismo.

ABSTRACT

Monografia de Especialização
Curso de Pós-Graduação a Distância
Especialização *Lato-Sensu* Gestão em Arquivos
Universidade Federal de Santa Maria

TENDÊNCIA EMPREENDEDORA: PERFIL DOS ALUNOS DO CURSO DE ARQUIVOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

(AN ENTREPRENEURIAL TENDENCY: PROFILE OF THE STUDENTS FROM THE ARCHIVOLOGY COURSE AT UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA)

AUTHOR: ALINE MEDIANEIRA RAMIRO VEDOIN
ADVISER: PROF.^a OLGA MARIA CORREA GARCIA
Defense Place and Date: São João do Polêsine/RS, July 10th, 2010.

The entrepreneurial tendency of the students from the Archivology Course at Universidade Federal de Santa Maria was object of a study through a research carried out aiming to trace the entrepreneurial profile of these students from the Archivology Course at Universidade Federal de Santa Maria. The data collection was made through the appliance of a test of GET (General Enterprising Tendency), a largely used instrument used in Education Institution to evaluate their students' entrepreneurial level. The instrument was applied to identify characteristics of an entrepreneurial behavior and, it made it possible to analyze the students' entrepreneurial tendency by means of five categories: need of success, need of autonomy, creative tendency, risk taking and, impulse and determination. From the results, we observed a very low level of entrepreneurship among the students and, it demonstrates the necessity of entrepreneurial education as a way of teaching and stimulating the search for solutions, creation and management of competitive enterprises. Therefore, further studies should be carried out to continue with the analysis of the entrepreneurial profile of the students from Archivology Courses because it is the way to verify if the under-graduation programs meet the entrepreneurial perspectives. In conclusion, we expect that this research contributes to the formation of archivists, increasingly aligned to the labor market demands.

Key words: students' profile; UFSM Archivology Course; entrepreneurship.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mitos sobre os empreendedores.....	38
---	----

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Grade curricular do curso de Arquivologia da UFSM.....	48
---	----

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	Nível de incidência da pontuação pelos alunos no Teste TEG.....	59
TABELA 2 -	Média de pontuação do curso de Arquivologia da UFSM.....	60
TABELA 3 -	Número de alunos que apresentaram as cinco tendências empreendedoras.....	70
TABELA 4 -	Pontuação dos alunos que possuem algum familiar empreendedor.....	71

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1	- Faixa etária dos alunos.....	50
GRÁFICO 2	- Sexo dos alunos.....	51
GRÁFICO 3	- Estado civil dos alunos.....	52
GRÁFICO 4	- Local de nascimento dos alunos.....	53
GRÁFICO 5	- Rendimento médio mensal da família.....	54
GRÁFICO 6	- Percentual de alunos que possuem familiar empreendedor.....	54
GRÁFICO 7	- Atividades exercidas pelos alunos.....	55
GRÁFICO 8	- Motivo de escolha pelo curso de Arquivologia.....	56
GRÁFICO 9	- Após ingresso no curso, qual o objetivo do aluno hoje.....	56
GRÁFICO 10	- Considerações quanto às disciplinas do curso.....	57
GRÁFICO 11	- Considerações quanto aos docentes do curso.....	57
GRÁFICO 12	- Houve a realização de algum trabalho ou alguma disciplina que abordasse a temática de empreendedorismo durante o curso.....	58
GRÁFICO 13	- Médias apresentadas em necessidade de sucesso.....	60
GRÁFICO 14	- Índice dos alunos em relação à média para “necessidade de sucesso”.....	61
GRÁFICO 15	- Médias apresentadas em necessidade de autonomia.....	62
GRÁFICO 16	- Índice dos alunos em relação à média para “necessidade de autonomia”.....	63
GRÁFICO 17	- Médias apresentadas em tendência criativa.....	64
GRÁFICO 18	- Índice dos alunos em relação à média para “tendência criativa”.....	64
GRÁFICO 19	- Médias apresentadas em assumir riscos.....	66
GRÁFICO 20	- Índice dos alunos em relação à média para “assumir riscos”.....	66
GRÁFICO 21	- Médias apresentadas em relação a impulso e determinação ..	68
GRÁFICO 22	- Índice dos alunos em relação à média para “impulso e determinação”.....	68

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A -	Questionário.....	83
--------------	-------------------	----

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	08
LISTA DE QUADROS.....	09
LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE GRÁFICOS.....	11
LISTA DE APÊNDICES.....	12
1 INTRODUÇÃO	14
1.1 Objetivos.....	15
1.1.1 Objetivo geral	15
1.1.2 Objetivos específicos	15
1.2 Justificativa	16
2 REVISÃO DA LITERATURA	19
2.1 A arquivística	19
2.2 O ensino e a formação profissional em arquivologia no Brasil	22
2.3 Perfil dos alunos dos cursos de Arquivologia no Brasil	29
2.4 Empreendedorismo	32
2.5 Perfil e comportamento empreendedor	35
2.6 Educação empreendedora	40
3 METODOLOGIA	43
3.1 Delimitação da população	44
3.2 Instrumento da pesquisa	44
3.3 Método de coleta de dados	45
3.4 Tabulação, análise e apresentação dos dados	45
4 UNIVERSO DA PESQUISA	47
4.1 Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria	47
5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	50
5.1 Dados gerais	50
5.2 Tendência empreendedora	58
5.2.1 Necessidade de sucesso	60
5.2.2 Necessidade de autonomia	62
5.2.3 Tendência criativa	64
5.2.4 Assumir riscos	66
5.2.5 Impulso e determinação	68
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77
APÊNDICE	83

1 INTRODUÇÃO

O cenário organizacional tem sido alvo de inúmeras mudanças a fim de corresponder satisfatoriamente ao mercado e suas exigências. Nesse cenário, cresce o número de estudos realizados na área de empreendedorismo, que objetivam compreender e contextualizar esse fenômeno nas organizações.

A abordagem a respeito de empreendedorismo envolve uma série de elementos, tais como: independência, ousadia em assumir riscos, inovação, otimismo, identificação de oportunidades e estilo de liderança (CHIAVENATO, 2008). Essas características imprimem ao profissional uma nova forma de conduzir um negócio, buscando proporcionar um processo decisório mais eficaz e, por conseguinte, uma gestão inovadora no competitivo mercado atual.

A partir disso, infere-se que o mercado de trabalho retém os melhores talentos, isto é, profissionais que sabem explorar suas potencialidades e que se comprometem com o desenvolvimento da organização. Portanto, a fim de capacitar este tipo de profissional, muitas instituições de ensino têm criado estratégias de diferenciação na formação de novos profissionais para que estejam alinhados à perspectiva apresentada.

Dessa forma, a preocupação de uma universidade com a formação de um profissional deve ir além dos limites do próprio curso, ou seja, deve propiciar que o aluno tenha diversas experiências e vivências que possibilitem não só apreender a teoria, mas também que saiba colocá-la em prática no contexto organizacional no qual estará inserido.

Nesse sentido, preocupadas com a formação apropriada ao mercado de trabalho, instituições de ensino superior têm ofertado uma pedagogia empreendedora, a fim de possibilitar uma nova perspectiva ao aluno e estimular sua pró-atividade e com isso proporcionar uma melhor inserção no mercado. Por outro lado, contemplar metodologias de empreendedorismo em sala de aula ainda é pouco comum, visto que se trata de um assunto em expansão e que necessita ser revisto e melhor aplicado às diferentes áreas do saber, para que possa agregar benefícios de maneira satisfatória para a maturidade das profissões (DOLABELA, 2008).

Assim, fim de compreender o fenômeno do empreendedorismo junto às instituições de ensino superior, torna-se necessário criar mecanismos para analisar se os alunos ingressam com um perfil favorecedor ou se durante o curso existe uma educação empreendedora que o ajude a desenvolver potencialidades de empreender. Dessa forma, é possível conhecer características, competências, influências, habilidades e predisposições que possibilitam chegar ao resultado do perfil empreendedor de alunos.

Neste sentido, a temática de empreendedorismo foi contextualizada à realidade da Arquivologia e retratada por meio da pesquisa que procurou delinear o perfil empreendedor dos alunos de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Portanto, a partir das acepções acima, apresenta-se o seguinte problema de pesquisa: **qual é o perfil empreendedor dos alunos de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria?**

1.1 Objetivos

1.1.1 Objetivo geral

O objetivo geral do presente trabalho consiste em traçar o perfil empreendedor dos alunos de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria.

1.1.2 Objetivos específicos

Em termos específicos pretende-se:

- contextualizar teoricamente os fundamentos arquivísticos, o ensino e a formação profissional em Arquivologia e o empreendedorismo;
- analisar as características empreendedoras dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM;
- identificar perspectivas dos alunos em relação ao mercado de trabalho.

1.2 Justificativa

Atualmente, existe um progressivo interesse, tanto em esfera nacional quanto internacional, acerca dos empreendedores, isto é, em saber quem são e como suas ações empreendedoras têm impactado no campo da economia, psicologia, sociologia, finanças, entre outros. Desse modo, procurou-se relacionar a administração e a arquivologia, a fim de produzir um conhecimento que viesse ao encontro da necessidade de maior investigação e, com isso culminasse na construção de referencial sobre o perfil empreendedor dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM.

Assim, a presente investigação justifica-se considerando que o empreendedorismo não se trata de uma inovação longínqua para o profissional da área de arquivos, pois ao longo dos anos, evidencia-se o surgimento de novos empreendedores neste segmento, os quais buscam transformar ideias em negócio e inovação.

Conforme Ramos (2008), diante da realidade contemporânea é consenso na literatura, bem como no senso comum, de que para imprimir maior competitividade ao perfil profissional do arquivista é necessário ampliar suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho, isto é, torna-se fundamental que o mesmo apresente as qualidades de um profissional empreendedor.

A partir disso, reconhece-se que a arquivologia está ampliando seu campo de atuação e com isso incorporando novas ideias, ferramentas e processos no seu dia-a-dia, com o fim de agregar valor a suas atividades. Desse modo, corrobora-se do papel da instituição de ensino fomentar a formação acadêmica para o processo empreendedor, a fim de que assim se possa ter um estímulo para a geração de profissionais preparados para desafios e contingências, possuindo verdadeiras lideranças e que essas, venham a causar impactos positivos nos seus mais diversos e diferentes espaços de exercício profissional.

Neste viés, Ramos (2008, p. 9) apresenta que “com base na literatura relativa a mercado de trabalho e sobre empreendedorismo, infere-se que, também no campo de trabalho do arquivista, a internalização de competências empreendedoras aumenta a chance de atuação deste profissional no mercado de trabalho”, assim, supõe-se que a inclusão sistemática e metódica de noções e práticas de empreendedorismo junto a formação do aluno de arquivologia irá possibilitar maiores

oportunidades no mercado de trabalho a este profissional.

Com o objetivo de traçar o perfil discente, foi adotado, como procedimento metodológico, o Modelo de Durham (1988), através do Teste TEG – Tendência Empreendedora Geral, que se trata do teste mais adotado e difundido no mundo em termos de estudo sobre empreendedorismo em instituições de ensino. A relevância dessa investigação, por meio deste teste, vem a atender uma tendência atual, na qual, cada vez mais, as instituições de ensino adotam como referência para traçar o perfil empreendedor de seus alunos, para posteriormente, a partir dos resultados, definirem um plano de ação para melhoria do ensino e adequação da formação, conforme orientação do mercado de trabalho.

Sendo assim, explorar o processo de empreendedorismo através do perfil empreendedor dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM configura-se em mais uma etapa de engrandecimento da profissão, pois os resultados podem remeter à valorização do arquivista. O mercado de trabalho para essa profissão torna-se cada vez mais exigente, o qual se busca não mais um perfil meramente “técnico”, mas sim, um profissional que vá além do gerenciamento da informação arquivística, ou seja, com espírito de superação, criticidade, reflexão, criatividade, visionário e principalmente, com uma inovadora capacidade de gestão.

Para Dolabela (2008) a sociedade está percebendo que o desenvolvimento das habilidades empreendedoras posicionam melhores condições para enfrentar um mundo em constante mudança, bem como oportunizar vantagens àqueles que preferem disputar a “corrida” pelo emprego.

Portanto, um estudo sobre o perfil empreendedor dos alunos do curso de Arquivologia balizará, no futuro, fundamentos acerca do papel da pedagogia empreendedora junto a esses cursos, ou seja, a presente pesquisa poderá servir de indicador para subsidiar a propagação de uma metodologia de ensino, prática e abrangente, com o intuito de comunicar a cultura empreendedora junto ao curso de Arquivologia da UFSM. Deseja-se também que os resultados sinalizem para futuras pesquisas nesta área de concentração, demonstrando à comunidade arquivística a importância do empreendedorismo como uma perspectiva para o atual mercado de trabalho.

A introdução da cultura empreendedora no ensino médio e universitário é o primeiro passo na persecução de um objetivo maior: a formação de uma cultura em que tenham prioridade valores como combate à miséria através da geração e distribuição de riquezas, inovação, criatividade, sustentabilidade, liberdade (DOLABELA, 2008, p. 18).

O presente trabalho é composto de cinco seções. Na primeira, encontram-se os aspectos introdutórios. Após, fez-se um aporte teórico sobre arquivística e empreendedorismo. Na terceira parte, apresenta-se a metodologia adotada para desenvolver a pesquisa, isto é, os métodos e técnicas que possibilitaram o levantamento, coleta, classificação e análise dos dados. O processo desde a apresentação até a discussão dos resultados da presente investigação é descrito na seção subsequente. Na última seção, agregam-se as considerações concludentes da pesquisa, bem como seus possíveis desdobramentos e contribuições para futuras pesquisas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 A Arquivística

No final da década de 1970, Esposel (1980), estreitou a arquivística em uma disciplina auxiliar da administração e da história. Neste viés de disciplina, o instrumento balizador da conceituação terminológica da área, isto é, o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 37), apresenta a arquivística como a “disciplina que estuda as funções do arquivo e os princípios e técnicas a serem observados na produção, organização, guarda, preservação e utilização dos arquivos”.

Bellotto (2002, p. 5), ao compartilhar do conceito acima, trata da arquivística como a “disciplina que se ocupa da teoria, da metodologia e da prática relativa aos arquivos, assim como se ocupa da sua natureza, suas funções e da especificidade de seus documentos/informações”.

Sob outro olhar, Delmas (2001 apud FONSECA, 2005, p. 10), conceitua a Arquivologia como “ciência que estuda os princípios e os procedimentos metodológicos empregados na conservação dos documentos de arquivo, permitindo assegurar a preservação dos direitos, dos interesses, do saber e da memória das pessoas físicas e morais”.

A partir destes enfoques apresentados, infere-se que ainda não há um consenso quanto à definição da arquivística, contudo, evidencia-se o crescente interesse da área em promover estudos e pesquisas a fim de promover e afirmar o papel da arquivologia na sociedade hoje. Isso, aos poucos tem contribuído para o reconhecimento do profissional e tem demonstrado uma maturidade da profissão, culminado dessa forma para uma expansão do mercado de atuação do arquivista.

Assim como a definição da arquivística, o seu objeto também imprime um centro de debates entre autores.

A partir de inúmeras investigações, e inclusive com publicação específica acerca desse tema, Bellotto (2002, p.5), afirma que “o objeto intelectual da arquivística é a informação, ou mais precisamente, os dados que possibilitam a informação”. A mesma autora, afirma que, por outro lado, é ainda possível considerar três objetos físicos: o arquivo, o documento e o arquivo como entidade.

Fonseca (2005, p. 10), ao abordar o assunto, insere mais um importante objeto, apresentado na seguinte afirmação:

os arquivos e os documentos que os constituem, as instituições arquivísticas, espaço privilegiado e regulatório das intervenções feitas nesses conjuntos; os arquivistas, profissionais formalmente habilitados a estabelecer essas intervenções, têm sido os principais objetos de interesse da arquivologia.

De qualquer modo, a afirmação de que o arquivo é o objeto da arquivística é unânime entre os autores. O arquivo possui inúmeras definições sob percepções distintas, seja ele como um conjunto documental, instituição ou objeto patrimonial.

Para Richter, Garcia e Penna (1997) a compreensão acerca de arquivo pode ser reunida em três dimensões: arquivo como um conjunto de documentos; arquivo como mobiliário para a guarda de documentos; e, arquivo como instituição que recolhe, preserva e utiliza os documentos.

Schellenberg (2006) constrói sua definição afirmando que os arquivos tratam-se de documentos de qualquer instituição pública ou privada que hajam sido considerados de valor, merecendo preservação permanente para fins de referência e de pesquisa e que hajam sido depositados ou selecionados para depósito num arquivo de custódia permanente. A partir disso, percebe-se uma maior ligação desse autor com o contexto histórico.

Ao compactuar com a ideia exposta acima, porém não se limitando a arquivo histórico, Bellotto (2002, p. 18) define os arquivos como:

conjuntos orgânicos de documentos produzidos/recebidos/acumulados por um órgão público, uma organização privada ou uma pessoa, no curso de suas atividades, independentemente do seu suporte e que, passada sua utilização ligada às razões pelas quais foram criados, podem ser preservados, por seu valor informativo, para fins de pesquisa científica ou testemunho sociocultural.

Na tentativa de reunir as definições existentes de arquivo, o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p.27) sintetiza as diferentes acepções sobre esse termo, no qual primeiramente menciona que “arquivo é o conjunto de documentos que, independentemente da natureza ou do suporte, são reunidos por acumulação ao longo das atividades de pessoas físicas ou jurídicas, públicas ou privadas”.

Outras definições atribuídas a arquivo são as seguintes: “instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e o

acesso a documentos”, ou “instalações onde funcionam arquivos” e ainda “móvel destinado à guarda de documentos”. (DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA, 2005, p. 27).

Neste momento, busca-se explorar a arquivística através de seu objeto principal: o arquivo. Portanto, cabe conhecer suas funções.

De uma maneira breve, Paes (1986, p. 5) apresenta: “são funções básicas do arquivo a guarda e a conservação dos documentos, visando a sua utilização”.

Bellotto (2002) faz uma importante complementação ao afirmar que as funções dos arquivos, todas elas em torno de sua função básica – a de proporcionar o acesso às informações contidas nos documentos que ele custodia – são, no que tange a parte técnica: registrar, classificar, avaliar, eliminar (quando chegada a data estabelecida pela avaliação), descrever, dar a consulta e divulgar (no caso dos arquivos históricos) seus documentos.

De acordo com Rousseau e Couture (1998) existem sete funções arquivísticas que possibilitam o tratamento e a organização dos arquivos: produção, aquisição, classificação, avaliação, descrição, difusão e conservação.

Outro aspecto de relevância tange a gestão documental. Conforme o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005), a gestão de documentos é um conjunto de procedimentos e operações técnicas relacionadas à produção, tramitação, uso, avaliação e arquivamento de documentos em fase corrente e intermediária, visando sua eliminação ou recolhimento para guarda permanente.

No âmbito da gestão documental evidencia-se a interdisciplinaridade entre a arquivística e administração, duas áreas amplamente complementares e, nesse sentido, Bellotto (2002, p. 7) ratifica que a ligação entre os arquivos e a administração pública e privada é evidente, visto que os documentos são os registros das atividades exercidas pelos órgãos públicos ou pelas organizações privadas. Assim, a autora defende que os documentos de arquivo são testemunhos inequívocos da vida de uma instituição, na qual as informações sobre o estabelecimento, a competência, as atribuições, as funções, as operações e as atuações exercidas por uma entidade pública ou privada no decurso de sua existência estão registradas nos arquivos. E ainda, demonstram-se como se produzem (e/ou produziram) as relações administrativas, econômicas, políticas e sociais mantidas por aquela entidade.

Bernardes (1998, p. 11) acompanha a linha de raciocínio de Bellotto através da conceituação de gestão de documentos como:

o conjunto de medidas e rotinas que garante o efetivo controle de todos os documentos de qualquer idade desde sua produção até serem eliminados ou recolhidos para guarda permanente, com vistas à racionalização e eficiência administrativas, bem como a preservação do patrimônio documental de interesse histórico-cultural.

A partir disso, entende-se que a gestão documental dispensa um tratamento arquivístico adequado aos documentos, seja em qual for o suporte e qual for a idade. Assim, cabe ao arquivista estabelecer programas e projetos de gestão documental que venham ao encontro das necessidades das organizações, proporcionando aos gestores o acesso rápido, preciso e eficaz às informações.

2.2 O ensino e a formação profissional em arquivologia no Brasil

Ao longo dos anos, o volume informacional tomou proporções gigantescas, o que demandou uma necessidade de formação de profissionais capacitados para gerir as informações arquivísticas que se originavam e se acumulavam. Neste contexto, começou-se a fomentar iniciativas que sinalizaram para o estabelecimento do ensino de arquivologia.

Conforme Bittencourt e Vieira (2007), no Brasil, um momento de destaque ocorreu na década de 1960, através da criação do Curso Permanente de Arquivo, vinculado ao Arquivo Nacional, com duração de dois anos, cujo pré-requisito era o ensino médio. Contudo, pode-se mencionar que o ensino arquivístico, efetivamente, deu-se a partir da década de 1970, por meio de iniciativas da Associação dos Arquivistas Brasileiros e do Arquivo Nacional. Ressalta-se que em 1932, o Diretor do Arquivo Nacional, Alcides Bezerra propôs a criação de um curso de Arquivologia, contudo essa proposta não se efetivou.

Portanto, na década de 1970, por meio do Parecer nº 212 de 1972, o Conselho Federal de Educação autorizou a criação de cursos de graduação em Arquivologia no País.

Dados referentes ao ano de 2010, apresentam a existência de 14 cursos de graduação em Arquivologia¹ nas universidades do País, a saber: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Estadual de Londrina (UEL), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual Paulista (UNESP/Marília), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

A partir desse número, infere-se que o ensino de graduação em Arquivologia cresceu nos últimos anos, sendo que um dos fatores que contribuíram para esse panorama foi a aprovação do plano governamental, denominado Reuni² (Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), que teve como principal objetivo ampliar o acesso e a permanência na educação superior. O Reuni foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007, que permitiu a expansão da rede federal de educação superior. No caso da arquivologia, com a força do Reuni, a Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade Federal de Santa Catarina, são alguns exemplos de instituições de ensino que criaram o curso.

Quanto às estruturas curriculares dos cursos de arquivologia do Brasil, ao realizar uma retrospectiva, um curso desta área na década de 1970 contemplava as seguintes disciplinas: Introdução ao Estudo da História; Noções de Contabilidade; Noções de Estatística; Arquivo I – IV; Documentação; Introdução à Administração; História Administrativa, Econômica e Social do Brasil; Paleografia e Diplomática; Introdução à Comunicação; Notariado; Língua Estrangeira Moderna (JARDIM, 1998).

Hoje um curso de arquivologia precisa “contemplar as exigências da sociedade do conhecimento e a constante mutação do homem contemporâneo, sua aproximação crescente com os valores da cidadania e a necessidade de atualização do saber, favorecendo a formação do arquivista humanista” (DUARTE, 2006, p.

¹Fonte: *Site do Conselho Nacional de Arquivos*. Disponível em: <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=183&sid=65&tpl=printerview> . Acesso em: 13 mai.2010.

² Disponível em: <http://reuni.mec.gov.br/> . Acesso em: 25 mai.2010.

151).

Neste sentido, o Parecer CES 492/2001³ constitui um instrumento balizador, emanado por meio do Ministério da Educação, que teve como interessados o Conselho Nacional de Educação e a Câmara Superior de Educação, objetivando estabelecer as diretrizes curriculares nacionais para os cursos de arquivologia.

O mesmo apresenta, por meio deste documento, o perfil desejável dos formandos, no qual consta o domínio dos conteúdos da arquivologia com o objetivo de se encontrarem aptos para enfrentar, com competência e criatividade, os obstáculos inerentes a sua prática profissional.

De acordo com as diretrizes curriculares o perfil do profissional deve contemplar inúmeras competências e habilidades, as quais se classificam em gerais e específicas. A seguir, apresentam-se as competências e habilidades gerais conforme o Parecer CES nº 492/2001. Em termos gerais: identificar as fronteiras que demarcam o respectivo campo de conhecimento; gerar produtos a partir dos conhecimentos adquiridos e divulgá-los; formular e executar políticas institucionais; elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos; desenvolver e utilizar novas tecnologias; traduzir as necessidades de indivíduos, grupos e comunidades nas respectivas áreas de atuação; desenvolver atividades profissionais autônomas, de modo a orientar, dirigir, assessorar, prestar consultoria, realizar perícias e emitir laudos técnicos e pareceres; responder a demandas de informação produzidas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo. Em termos específicos: compreender o estatuto probatório dos documentos de arquivo; identificar o contexto de produção de documentos no âmbito de instituições públicas e privadas; planejar e elaborar instrumentos de gestão de documentos de arquivo que permitam sua organização, avaliação e utilização; realizar operações de arranjo, descrição e difusão.

Dessa forma, entende-se que foram e são necessárias melhorias e adaptações nos cursos de graduação em arquivologia. Gak e Gak (2007) afirmam que é necessário ultrapassar aquilo que é aparente apenas, mantendo viva a utopia expressa no Projeto Pedagógico, construindo-se de maneira coletiva e verdadeira, balizadores que permitam orientar o caminho teórico-prático adotado e as ações sócio-políticas e educacionais voltadas para o desenvolvimento, efetivo, de cursos

³ Fonte: Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf> . Acesso em 01 jun.2010.

de arquivologia no País.

O Projeto Político Pedagógico (PPP), atualmente denominado Projeto Pedagógico de Curso (PPC), trata-se do documento que define as orientações no que tange as atividades de ensino, pesquisa e extensão. O PPC da Arquivologia da UFSM foi atualizado por seus professores, alunos e funcionários em 2004, onde consta que o perfil desejado do profissional arquivista é baseado num conjunto de competências e habilidades necessárias para a formação de um profissional flexível e crítico, o qual seja capaz de acompanhar os desafios tecnológicos e as mudanças da sociedade. A humanização constitui um princípio no sentido de preparar um profissional cidadão que possa enfrentar as dificuldades colocadas pela experiência de vida, participando no quadro de mudanças sociais. Esse documento refere-se à formação que deve ser baseada em conteúdos que preparem o profissional da informação arquivística para enfrentar, com proficiência e criatividade, os problemas de sua prática profissional, especialmente as que demandem intervenções em arquivos, centros de documentação e informação, centros culturais, serviços ou redes de informação e órgãos de gestão do patrimônio cultural.

Inúmeras mudanças vêm ocorrendo na estrutura da sociedade atual e conseqüentemente nas organizações e no trabalho, o que exige das instituições de ensino superior atenção especial no sentido de promover adaptações em seus modelos educacionais (BITTENCOURT e VIEIRA, 2007). O perfil do arquivista é resultado dos projetos pedagógicos de cursos, os quais são responsáveis por definir suas diretrizes, bem como pela forma de organização da aprendizagem, por meio da promoção e do desenvolvimento do conhecimento e de valores que irão definir o perfil do profissional a ser formado. Todavia, existe ainda a necessidade de desenvolver as habilidades múltiplas do estudante, possibilitando-lhe o horizonte profissional e acadêmico, para que se possa definir a sua área de atuação (Ibid., 2007).

Para Gak e Gak (2007) a formação do profissional arquivista deve ser planejada e desenvolvida considerando a atual realidade do campo de atuação do próprio profissional. Nesse sentido, os autores abordam características que os bacharelados em Arquivologia devem ter: autonomia intelectual, capacidade de desenvolver relações solidárias, cooperativas e coletivas, possibilidade de produzir, sistematizar e socializar conhecimentos e tecnologias; e, constante desenvolvimento profissional, por meio do exercício de uma prática de formação continuada e que

possa empreender inovações na sua área de atuação.

No entanto, cabe destacar que “o currículo não é um produto, mas um processo que envolve professores, alunos, egressos, profissionais de áreas afins, representantes de mercado, etc. na sua elaboração e avaliação” (JARDIM e FONSECA, 1999, p. 46).

Nesse sentido, urge que todos os estudiosos de arquivologia reflitam sobre a estrutura curricular de seus cursos de graduação e, por conseguinte, agilizem a interação entre as instituições arquivísticas e de ensino, com vistas a formar profissionais preparados para enfrentar as exigências da era da globalização (RICHTER, GARCIA e PENNA, 1997).

O processo educativo em arquivologia também envolve o ensino dos cursos de pós-graduação. Logo, inúmeras instituições de ensino oferecem cursos de especialização com fins de capacitação e/ou atualização de profissionais da área de arquivos. Ressalta-se, também, o papel dos cursos de mestrado, que gradativamente têm contemplado linhas de pesquisa direcionadas a arquivos em seus programas.

Portanto, somente poderá haver profissões de sucesso na área de informação e documentação se estas forem balizadas por uma formação de nível científico superior, assim como pós-graduação, as quais sejam capazes de desenvolver um campo de estudo teórico-prático próprio e de fecundas relações interdisciplinares em múltiplas esferas de abordagem (SILVA e RIBEIRO, 2004).

A partir das perspectivas lançadas, visualiza-se que há anos existiam preocupações com as novas demandas organizacionais e mercadológicas, e nesse sentido Esposel (1994) apresentava a inquietação de que a formação técnica e profissional do pessoal de arquivos deveria merecer o interesse acurado das nossas autoridades.

Assim, percebe-se que faz algum tempo que o ensino e a formação do profissional arquivista tem sido centro de debates e reflexões no que se refere ao papel do profissional na sociedade e as novas demandas do mercado de trabalho. Logo, torna-se cada vez mais necessário que além de uma formação acadêmica de base, os profissionais de arquivo devem ter um acesso a uma formação contínua. Afinal, se as nossas organizações mudam, modernizam-se, a nossa formação deve acompanhar essas mudanças (ANTÓNIA, 2007).

Neste momento, portanto, torna-se relevante tecer informações a respeito do papel do agente resultante desse contexto de ensino e formação: o profissional arquivista.

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005, p. 26), apresenta o arquivista como o “profissional de nível superior, com formação em Arquivologia ou experiência reconhecida pelo Estado”.

Por meio da Lei N^o 6.546, de 4 de julho de 1978, foi regulamentado o exercício profissional do arquivista e do técnico em arquivo, através da legitimação de suas atribuições e competências.

A Lei define como atribuição dos arquivistas: planejamento, organização e direção de serviços de arquivo; planejamento, orientação e acompanhamento do processo documental e informativo; planejamento, orientação e direção das atividades de identificação das espécies documentais e participação no planejamento de novos documentos e controle de multicópias; planejamento, organização e direção de serviços ou centro de documentação e informação constituídos de acervos arquivísticos e mistos; planejamento, organização e direção de serviços de microfilmagem aplicada aos arquivos; orientação do planejamento da automação aplicada aos arquivos; orientação quanto à classificação, arranjo e descrição de documentos; orientação da avaliação e seleção de documentos, para fins de preservação; promoção de medidas necessárias à conservação de documentos; elaboração de pareceres e trabalhos de complexidade sobre assuntos arquivísticos; assessoramento aos trabalhos de pesquisa científica ou técnico-administrativa; e, desenvolvimento de estudos sobre documentos culturalmente importantes.

Cabe ressaltar que o papel do arquivista não é apenas promover a custódia documental, pois assume um papel mais estratégico junto às organizações. Neste sentido, Duchein (1993) afirma que é fundamental que os arquivistas não depreciem seu papel como guardiões dos documentos, um papel oficialmente reconhecido pelas várias leis nacionais sobre prova documental, todavia é premissa que os mesmos transcendam seu papel de custódia, a fim de sobreviver no mercado.

O atual mercado de trabalho para o arquivista, assim como na realidade das demais profissões, não é mais o mesmo de anos atrás. A contemporaneidade remete a um profissional atento ao cenário de mudanças, advindas principalmente de inovações em tecnologias e de modernas técnicas e práticas em gestão e

administração, exigindo-se assim um profissional em contínua atualização, capacitação e aperfeiçoamento. Nessa perspectiva, Rousseau e Couture (1998, p. 73), expõem que a nova arquivística irá se apoiar em programas de formação de alto nível, sistematizar e orientar investigação para os conceitos e os instrumentos que utiliza, e isto em consonância com os outros domínios de atividade.

Para Bellotto (2004), o arquivista possui um papel eminente na sociedade do conhecimento e destaca que é premente e indispensável que esse papel seja alinhado à própria entidade na qual o arquivista atua como o gestor da informação. Assim, é relevante que o administrador compreenda que o arquivista não é um simples trabalhador administrativo, dentro dos limites de um órgão público ou de uma organização privada, que não se encontra ali apenas para passar papéis ou mídias eletrônicas às mãos dos interessados.

É necessário também que os historiadores compreendam que o arquivista encontra-se suficientemente capacitado para elaborar os instrumentos de pesquisa que possibilitarão o acesso à informação, pois sua formação lhe dá elementos que o habilita a não permitir que se perca a essência da informação na montagem da representação descritiva. Assim, sua atuação pode influir no processo decisório das organizações, bem como nas conclusões a que chegam os historiadores acerca da evolução e da identidade da sociedade.

Para Duarte (2006) o arquivista tem seguido uma orientação a fim de satisfazer as necessidades informativas, de modo que a administração aprimore suas funções com rapidez, eficiência, eficácia e economia, para salvaguardar direitos e deveres, incluso nos documentos, e ainda, assumir o papel de tornar realidade a pesquisa e a difusão cultural.

A fim de conquistar a valorização do arquivista no cenário corporativo, por meio de um profissional apto a buscar os melhores e mais apropriados recursos, técnicas, ferramentas e programas da administração, Carucci (1992, apud BELLOTTO, 2004, p. 302) declara que se o arquivista pretende marcar presença na política geral do órgão ou na empresa que trabalha deve ser capaz de, não obstante, reproduzir conhecimentos profissionais técnicos, mas também de pensar em termos de empresa. É necessário estreitar laços com as técnicas de gerenciamento, psicologia do trabalho, gestão financeira, etc.

O arquivista do século XXI deve afirmar seu papel ao assumir uma nova visibilidade, a partir do momento que conseguir dar o salto qualitativo, isto é, que

exige assumir novas responsabilidades e competências. E isso vai além. É essencial que aprenda a trabalhar em equipe, com outros profissionais da sua área e de outras áreas inerentes às tecnologias de informação (ANTÓNIA, 2007).

A tendência revelada para o futuro é a de que o arquivista deverá ser um profissional com competência para organizar cientificamente e tornar acessível um conjunto dinâmico de informações registradas em diversos suportes; tenha capacidade de lidar com o usuário final; seja capaz de elaborar projetos e calcular os custos dos serviços arquivísticos; e ainda, saiba trabalhar em equipe junto com outros especialistas. Por conseguinte, além dessas características, espera-se que o profissional exerça suas funções de modo ético, neutro e transparente e garanta a salvaguarda dos direitos autorais e da privacidade e a acessibilidade aos documentos cuja consulta é franqueada ao público (RODRIGUES, 2006).

Portanto, melhorias contínuas devem ser agregadas ao ensino de arquivologia no país, para que o profissional formado possa cumprir seu efetivo papel, e, por conseguinte, ser o agente responsável pela implementação de sistemas de gestão da informação arquivística nas organizações. Mas, isso pressupõe uma formação com qualidade e adequada ao mercado, no qual o arquivista transcenda as atividades técnicas e científicas; explore e difunda conhecimentos por meio de uma crítica à realidade que o circunda, e ainda, que tenha como elementos norteadores os padrões éticos e morais do ser humano.

2.3 Perfil dos alunos dos cursos de Arquivologia no Brasil

O cenário arquivístico brasileiro acompanha inúmeras transformações, as quais remetem para uma necessidade de realização de estudos sobre o perfil dos acadêmicos do curso de arquivologia, a fim de se delinear suas peculiaridades, bem como as perspectivas dos futuros profissionais da área (BORTOLUZZI, 2009).

Nesse sentido, conhecer o perfil dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM torna-se relevante à medida que proporciona informações sobre as características, habilidades e atitudes desta população. Esse perfil é moldado conforme fatores emanados pelo meio no qual o acadêmico se insere, e neste viés, Couture e Martineau (2000) destacam que o perfil dos estudantes do curso de

arquivologia é consequência do conjunto de tradições e práticas inerentes a cada nação.

Alguns estudos foram realizados no País a fim de identificar o perfil de alunos de cursos de arquivologia. Assim, em 1999, foi publicado um trabalho sobre o perfil do aluno do curso de Arquivologia da Universidade Federal Fluminense (UFF). Jardim e Fonseca (1999) revelam que há predominância de famílias de baixa renda, o que pode justificar o porquê da maioria dos alunos realizarem algum tipo de atividade remunerada, pois 42% possuíam emprego e 41% realizavam estágio.

A mesma pesquisa, em termos de gênero mencionou a predominância de mulheres no Curso, em torno de 62%, o que reafirma a arquivologia como uma profissão feminina. Quanto à faixa etária, predomina entre 18 a 21 anos (32,5%), seguida por 22 a 25 anos (25,3%). Quanto ao nível educacional dos pais, apresenta o predomínio de alunos cujos pais e mães não completaram o ensino fundamental, sendo que apenas 3,9% dos pais e 4,7% das mães concluíram o ensino superior. Outro resultado refere-se aos hábitos culturais, dos quais apenas 26% dos estudantes lêem jornais diariamente. Por fim, a pesquisa divulgou que 79% concordam que a profissão de arquivista tem perspectivas de ampliação no mercado; 55% não concordam que o estudante de arquivologia encontra-se bem preparado para ingressar no mercado de trabalho; e ainda, a área da arquivologia preferida por esses alunos são as tecnologias da informação aplicadas aos arquivos (28%).

A pesquisa sobre o perfil dos estudantes do curso de Arquivologia da Uni-Rio (Indolfo, 1999) trouxe como resultados a predominância do sexo feminino (58). No item faixa etária, ocorreu uma concentração maior entre 22 e 25 anos (38,5%). Com relação ao nível educacional dos pais, 39,7% dos pais e 40,9% das mães não completaram o ensino fundamental, enquanto que 10,8% dos pais e 8,4% das mães possuem um curso superior. Outro dado significativo defende que 35% dos alunos trabalham e 66% realizam estágio. Esse estudo ainda revela algumas críticas e sugestões: 26,7% dos alunos visualizam uma necessidade de atualização do currículo; 25% querem que as disciplinas tenham mais conteúdo, sejam mais atualizadas, dinâmicas e interessantes; 14,2% acreditam que deva existir um maior reconhecimento da profissão; 12,5% acham que os professores deveriam ter maior dedicação, didática e competência; e, 3,5% consideram importante a criação de uma empresa júnior.

Em 2005, foi realizada uma pesquisa pela Universidade Federal Fluminense, que compreendia o período de 2000 a 2005. Conforme Garcez e Santos (2005), dos entrevistados, 9% possuem curso de pós-graduação concluído e 9% estão em andamento. Nesse sentido, observa-se que a maioria dos entrevistados não deu continuidade aos estudos, o que pode compreender que os alunos tinham interesse, necessariamente, em obter o diploma superior.

A realidade vivenciada na região sul do País é apresentada a partir das pesquisas de Dorneles (2005) e Bortoluzzi (2009), que tratam dos perfil dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM.

Dorneles (2005) revela que a maioria dos discentes pertencem ao sexo feminino (69,6%), de faixa etária jovem, isto é, compreendiam a idade entre 15 e 20 anos (41,4%) e a maioria residia em Santa Maria com a família. No que tange a escolha do curso, 32,3% justificaram a vocação como principal razão, e ainda, 62,6% consideram que o curso atende, apenas em parte às suas expectativas. Um contraponto dessa pesquisa em relação a de Jardim e Fonseca (1999) diz respeito à área de maior interesse pelos estudantes, sendo que a realidade da instituição gaúcha sinaliza um maior interesse pela gestão de documentos (32,3%). Quanto às perspectivas, a pesquisa diagnosticou que a maioria (45,4%) dos acadêmicos pretende continuar atuando na área de arquivos.

Mais atual, a pesquisa de Bortoluzzi (2009), denominada “Perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia (2008): um estudo na Universidade Federal de Santa Maria” apresentou os seguintes resultados: a maioria dos alunos é do sexo feminino (63,49%); a maioria mora com a família (50,79%), sendo que em segundo lugar fica a Casa do Estudante (14,29%). Quanto aos recursos, a maioria (44,44%) depende do auxílio financeiro da família para se manter na cidade. A maioria dos alunos (77,78%) realizou o ensino médio em escola pública. O principal motivo apontado que o levou a optar pelo Curso foi o mercado de trabalho (38,46%), seguindo pela baixa concorrência (26,15%) e em terceiro lugar a vocação pela carreira de arquivista (10,77%). No que se refere à formação ofertada pelo curso de Arquivologia da UFSM, os resultados sinalizam que a maioria dos alunos (33,65%) considera que o profissional formado pelo respectivo Curso é flexível e com boa capacidade de adaptação aos avanços tecnológicos e às mudanças sociais. Quanto às expectativas, elas são atendidas em parte (74,60%) no que diz respeito ao curso, enquanto que as expectativas em relação ao mercado de trabalho, evidenciam que a

maioria dos alunos (68,25%) considera que o Curso atende parcialmente. E no que se refere às perspectivas, a maioria pretende seguir na própria área e continuar se aprimorando, por meio de estudos, em arquivologia.

Sendo assim, ressalta-se a relevância destas pesquisas sobre o perfil dos alunos dos cursos de arquivologia do Brasil, à medida em que sirvam de subsídios para que os cursos façam uma análise crítica e reflexiva sobre o ensino e aprendizagem. Assim, a partir destas investigações, espera-se contribuir na formação de profissionais cada vez mais aptos a acompanharem o desenvolvimento da sociedade em relação à gestão da informação.

2.4 Empreendedorismo

Pesquisas a respeito de empreendedorismo têm ocupado uma posição de destaque em estudos da administração, nos últimos tempos. Este assunto tem despertado a atenção por oportunizar mais uma forma de inovar, seja através da construção de novos negócios ou por ser um agente de mudanças dentro de uma própria organização.

A partir disso, afirma-se um crescente interesse por parte de pessoas físicas, professores, estudantes universitários e representantes do governo em conhecer os empreendedores e o processo de empreendedorismo (HISRICH et al, 2009).

Apesar do interesse de investigação sobre esse processo, “ainda não surgiu uma definição concisa e universalmente aceita” (HISRICH et al, 2009, p. 27) que conceitue precisamente o empreendedorismo. A fim de se compreender o fenômeno do empreendedorismo hoje, torna-se relevante recordar alguns episódios passados que possibilitaram ao empreendedorismo chegar ao patamar atual em que se encontra.

Na década de 1980, modelos de gestão como o *empowerment*⁴, reengenharia, teorias x e z encontravam-se desgastados, pois formulavam uma demasiada burocracia, o que desfavorecia os pequenos negócios. A partir da década de 1990, houve um movimento de mudanças, o mercado de trabalho acenou

⁴ Significa a descentralização de poderes nos vários níveis hierárquicos da organização, objetivando a delegação de poder de decisão, autonomia e participação dos funcionários na administração das empresas.

para uma competição entre o homem e a máquina, logo, a tecnologia veio contribuir para a geração de desemprego.

Entretanto, a tecnologia também trouxe novas perspectivas. Dentre elas a oportunidade de novas formas de se negociar, isto é, fomentou-se a criação de modelos de terceirizações, *joint ventures*⁵ e as consultorias, as quais começaram neste período e mantêm uma posição de destaque no cenário dos negócios.

Ao encontro destas novas perspectivas, lançava-se o empreendedorismo como uma forma de fazer a diferença. Considerado um fenômeno, o empreendedorismo veio demonstrar que não existem receitas prontas e infalíveis, cada formação é única e tem impressa a sua própria receita de sucesso.

O desenvolvimento da teoria do empreendedorismo, a partir de Hisrich e Peters (2004), apresenta que a primeira definição de empreendedor origina-se do francês, isto é, significa aquele que está entre ou estar entre. Após, na Idade Média, empreendedor tratava-se de um participante ou um administrador de grandes projetos de produção. E assim, com o passar do tempo, foi se redefinindo o termo empreendedor ao longo dos anos.

Embora existam inúmeras definições para empreendedor, sob vários enfoques, todas apresentam semelhanças que remetem a elementos-chaves, tais como: novidade, organização, visionário, criação, riqueza e risco.

De acordo com Hisrich e Peters (2004, p. 29) empreendedorismo permeia-se em um processo de criar algo novo e com valor, por meio da dedicação de tempo e esforço necessários, assumindo os riscos financeiros, psíquicos e sociais correspondentes e recebendo as conseqüentes recompensas da satisfação e independência econômica e pessoal.

Para Britto e Wever (2003) o empreendedorismo é entendido como um fenômeno global, no qual as instituições públicas e privadas têm investido em pesquisas e incentivos, reinvestido em novos empreendimentos e nas próprias comunidades através da melhoria da qualidade de vida da população.

De modo geral, identifica-se um empreendimento como o fruto de uma observação, análise de atividades e tendências do mercado. Neste sentido, a ideia do empreendimento resulta de oportunidades detectadas, bem como da concepção

⁵ É uma forma de aliança entre duas ou mais organizações que compartilham o risco do negócio, os investimentos, as obrigações e resultados financeiros a fim de desenvolver/executar um projeto específico.

de um empreendimento, nas quais, na maioria das vezes, nasceu de habilidades, conhecimentos, aptidão e outras características pessoais, e até mesmo por pessoas que não tiveram experiência com o ramo, mas ambas estão em busca de inovação e criação de novas formas de negócios (BERNARDI, 2003).

Assim, o empreendedorismo além de representar a abertura de um negócio próprio; ainda, pode ser concebido na lógica de ser uma estratégia de inovação, isto é, apontar melhorias e soluções para o processo de negócios. Esse tipo de empreendedorismo é denominado intra-empreendedorismo.

Para Hisrich et al (2009) intra-empreendedorismo pode também ser denominado empreendedorismo corporativo. Trata-se, portanto, de um empreendedorismo dentro de uma estrutura empresarial já existente.

Conforme Mirshawka (2003) intra-empreendedorismo é uma das formas para disseminar em uma empresa consequências criativas e ações empreendedoras, por meio de uma comunicação eficaz. Esse tipo de iniciativa favorece que os colaboradores façam *feedback*⁶, o que possibilita aos gestores aprender como se deve proceder para satisfazer as verdadeiras necessidades dos clientes externos de modo mais rápido, melhor e mais barato pois, primeiramente, conheceu-se o cliente interno (colaborador).

Dessa forma, o profissional transpõe paradigmas ao proporcionar inovações ao trabalho, através da interpretação do mercado e da identificação de oportunidades. Afinal, “empreender significa identificar oportunidades permanentemente, inovar e mudar sempre” (DOLABELA, 2008, p. 36).

O profissional empreendedor hoje pode ser visto como um agente de mudança, que conhece a cadeia produtiva e a essência do negócio a fim de transformar conhecimento em bens, produtos e/ou serviços que agreguem valor a empresa, ou seja, ele deve ter o papel de contribuir para a transformação de conhecimento em riqueza para a organização.

Atualmente, embora o empreendedorismo assuma uma concepção mais ampla, a idéia de criação do negócio próprio ainda se trata da definição mais difundida para o termo empreendedorismo (MIRSHAWKA, 2003).

Conforme Dolabela (2008) a cultura de empreendedorismo no Brasil ainda manifesta-se de forma tímida, contudo se observa no brasileiro uma vontade de

⁶ Realimentação.

empreender que acaba sendo abafada pelos poucos incentivos governamentais, estilos de gestão autocráticos e conservadores e a inexpressividade de uma pedagogia empreendedora no ensino (desde o ensino fundamental até a pós-graduação).

Neste viés, o autor ainda afirma que:

a democracia guarda estreita relação com o empreendedorismo da base da população, que necessita do trânsito livre da informação econômica, oferta de crédito, microcrédito e capital de risco, sistemas de apoio e capacitação, tributação adequada, desburocratização, estímulos de toda ordem.....o Brasil, de tradição autocrática, criou um clima extremamente hostil ao empreendedor emergente (DOLABELA, 2008, p. 18)

Portanto, para que as empresas do século XXI introduzam a cultura empreendedora em seu ambiente de trabalho é necessário que focalizem fortemente no conceito de vantagem competitiva, a qual só pode ser atingida se houver um profundo comprometimento dos colaboradores com o empreendedorismo interno (MIRSHAWKA, 2003).

Nesse sentido, Chiavenato (2008) finaliza que empreender não é somente fundar uma nova empresa ou construir um novo negócio. Empreender é mover a energia da economia, é alavancar recursos, impulsionar talentos, dinamizar idéias. Enfim, empreender é farejar as oportunidades, de maneira rápida e eficiente, focalizando assumir riscos e inovar continuamente, favorecendo por fim o desenvolvimento econômico e o progresso das nações.

2.5 Perfil e comportamento empreendedor

Ao abordar a temática de empreendedorismo, torna-se fundamental apresentar e analisar o agente deste processo: o empreendedor. Conforme, Hisrich e Peters (2004, p. 26) empreendedor é o “indivíduo que se arrisca e dá início a algo novo”.

Um dos conceitos mais antigos e melhor assimilado revela que “empreendedor é aquele destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais” (SCHUMPETER, 1949, apud DORNELAS, 2005, p. 39). A partir desta perspectiva, entende-se que empreendedor

é a pessoa que identifica uma oportunidade e constrói um negócio para poder gerir lucrativamente.

Para Mirshawka (2003) empreendedor é o indivíduo que consegue fazer as coisas se concretizarem, é capaz de identificar oportunidades de mercado, possui uma primorosa sensibilidade para negócios e “tino” financeiro para transformar uma ideia em um fato econômico em seu benefício. O mesmo autor acrescenta que o empreendedor deve estar voltado para realizações, que não gosta de trabalho repetitivo e rotineiro, deve ser criativo, ter alto nível de energia e elevado grau de perseverança e imaginação.

A literatura a respeito do assunto apresenta diferentes tipos de empreendedor. Para Mirshawka (2003, p. 91) “o empreendedor mais conhecido é aquele que cria novos negócios, no entanto ele pode inovar dentro de negócios já existentes”. Nesse sentido, os principais e mais consolidados exemplos de empreendedores são: empreendedor corporativo, empreendedor *start-up* e empreendedor social.

Empreendedores corporativos são os indivíduos ou grupos de indivíduos, agindo independentemente ou como parte do sistema corporativo, que criam as novas organizações ou instigam a renovação ou inovação dentro de uma organização já existente (DORNELAS, 2003). Este tipo de empreendedor também é chamado de intra-empreendedor ou empreendedor interno.

No empreendedorismo social existe uma espécie de parceria entre comunidade, governo e organizações privadas. Esta parceria tem por objetivo promover a qualidade de vida social, cultural, financeira e ambiental em busca da sustentabilidade. Dessa forma, o empreendedorismo social encontra na comunidade seu eixo balizador de atuação.

Salienta-se quem nem sempre um negócio pode ser bem sucedido, sendo muito frequente o encontro de empresas que permaneceram pouco tempo no mercado. Portanto, o empreendedor deve ter em mente que assumirá inúmeros riscos e a possibilidade de falhar e fracassar em seu negócio.

Conforme Bernardi (2003) a figura do empreendedor possui um perfil característico e típico de personalidade e apresenta as seguintes características: senso de oportunidade; dominância; agressividade e energia para realizar; autoconfiança; otimismo; dinamismo; independência; persistência; flexibilidade e resistência a frustrações; criatividade; propensão ao risco; liderança carismática;

habilidade de equilibrar sonho e realização; e, habilidade de relacionamento.

Para Dolabela (2008) o empreendedor é motivado pela liberdade de ação, ele “arregaça as mangas” e busca um trabalho colaborativo, ele conhece o negócio e o setor em que atua, ele compreende que o erro e o fracasso são experiências que devem servir de lição e aprendizado, e ainda, ele é orientado para a ação a partir de sua própria visão. Somente deve ser considerada empreendedora a pessoa que oferecer valor positivo para a sociedade.

No que diz respeito às origens, existe um mito de que não é possível desenvolver o empreendedorismo, isto é, deve-se nascer empreendedor. Este posicionamento causa divergência entre autores, pois há os que ainda defendem e por outro lado, os que repudiam esta concepção.

A partir desta abordagem, Bernardi (2003), considera que várias circunstâncias podem originar um empreendimento e um empreendedor, que podem ou não estar relacionados aos traços de personalidade. Como circunstâncias que fomentam a origem do empreendimento e do empreendedor, o autor cita: o empreendedor nato; o herdeiro; o funcionário de empresa; excelentes técnicos; vendedores; opção ao desemprego; desenvolvimento paralelo e aposentadoria.

O mesmo autor refere-se ainda à existência de uma motivação, isto é, uma alavanca que leva a pessoa a empreender, que pode ser: necessidade de realização; implementação de ideias; independência; fuga da rotina profissional; maiores responsabilidades e riscos; prova de capacidade; auto-realização; maior ganho; *status* e controle da qualidade de vida.

Quanto à afirmação de que o empreendedor é nato, essa concepção já se encontra ultrapassada. Hoje, acredita-se que o processo de empreendedorismo pode ser ensinado e entendido e o sucesso é decorrente de uma gama de fatores internos e externos ao negócio (DORNELAS, 2005).

Degen (2005) compartilha que nenhum empreendedor nasce com o conhecimento e a experiência necessária para identificar e avaliar negócios, ele tem de se esforçar para desenvolver essa capacidade.

Para Salim et al (2004) o empreendedor é resultado da acumulação de habilidades, *know-how*, experiências e contatos em um período de tempo, logo, empreendedores acumulam experiência e se preparam para o salto empreendedor.

Dornelas (2003) apresenta que além do mito dos empreendedores serem natos, existem outros dois mitos que merecem destaque (Figura 1).



Figura 1 – Mitos sobre os empreendedores.

Outra abordagem interessante reside na pesquisa de Filion (2000), a qual menciona que os “modelos de influência” são de grande importância para tentar entender os comportamentos empreendedores. Nesse sentido, o autor defende que a maioria dos empreendedores se tornaram empreendedores através da influência de um modelo no seu meio familiar ou próximo, isto é, um modelo com o qual ele se identificou. A partir disso, os empreendedores adquiriram uma cultura empreendedora pela prática, por assim dizer, no seio da família.

Outro estudo relevante para contextualizar o comportamento empreendedor é a contribuição de Caird (1988). Em seu trabalho, divulgou um conjunto de características que distinguem os empreendedores. Dessa forma, o estudioso apresentou que as pessoas possuem tendências empreendedoras, isto é, à pessoa empreendedora se associam, comumente, uma série de tendências pessoais, que são: necessidade de sucesso; necessidade de autonomia; tendência criativa; assumir riscos; e, impulso e determinação.

A tendência da necessidade de sucesso consiste na idéia de realização pessoal obtida por meio de resultados lucrativos na implantação do empreendimento. Portanto, essa tendência encontra-se estreitamente ligada à realização pessoal, importante para o sucesso em qualquer profissão, todavia, em excesso, sem o complemento do relacionamento interpessoal pode conduzir a uma busca desenfreada pelo poder, o que não deve constituir uma regra para os empreendedores (CAIRD, 1988 apud GAIÃO et al, 2009).

A segunda tendência é a necessidade de autonomia, que se relaciona com a independência em relação às atividades desenvolvidas. Portanto, a autonomia mencionada por Caird (1988) pode ser maximizada e comparada com os elementos-chave da forma de vida empreendedora. Gibb (2002) ressalta os elementos-chave da forma de vida empreendedora como, por exemplo, maior liberdade, maior controle dos processos e maior autonomia para fazer as atividades.

A tendência criativa é explicada por Uriarte (1999) como a capacidade de raciocínio alternativo, isto é, utiliza-se a criatividade para sair das dificuldades ou inclusive, para aumentar os lucros. Assim, caso um problema não possa ser resolvido de uma maneira, torna-se necessário encontrar uma solução alternativa.

A quarta tendência é assumir riscos, ressaltando que esses riscos são calculados, no qual o empreendedor avalia as alternativas e calcula os riscos deliberadamente. Dessa forma, procura-se controlar resultados, captando situações em que existam desafios e riscos calculados, estando as recompensas intrínsecas aos riscos (CAIRD, 1988).

Ter tendência ao impulso e determinação significa ter pró-atividade em agir com rapidez na tomada de decisão, assumindo as responsabilidades que suas decisões poderão resultar na busca, incessante, para o alcance de metas e objetivos. Em suma, essa tendência configura-se na capacidade de agir com base em oportunidades empresariais novas, agindo antecipadamente ao solicitado (URIARTE, 1999).

Essas tendências subsidiaram a elaboração do difundido Teste TEG – Tendência Empreendedora Geral, em 1988. O Teste foi desenvolvido na *Durham University Business School* (Inglaterra) e tem fomentado um interesse internacional dos centros acadêmicos, que buscam por meio desse diagnosticar e potencializar as áreas de empreendedorismo e inovação na formação de profissionais.

2.6 Educação empreendedora

O ensino de empreendedorismo encontra-se em fase de evolução e ainda existem pessoas resistentes as potencialidades desta educação, pois acreditam no pressuposto de que as características empreendedoras são natas ao ser humano. Se por um lado existem pessoas que alimentam essa teoria, por outro, principalmente em países mais desenvolvidos, como Canadá e Estados Unidos, a educação empreendedora tem sido alvo de investimentos em escolas e cursos universitários.

Dessa forma, por meio da educação empreendedora tem se proporcionado aos alunos conhecimento sobre formas de análise do negócio, do mercado e de si mesmo para que possam perseguir o sucesso com “passos firmes” e evidenciar a sorte a seu favor (DOLABELA, 2008).

O Instituto Euvaldo Lodi (2000) defende que as teorias modernas possibilitam uma orientação de programas avançados de formação de empreendedores, através da premissa de que é fundamental preparar as pessoas para aprenderem a agir e pensarem por conta própria, com criatividade, com liderança e visão de futuro, para que possam inovar e ocupar o seu espaço no mercado, transformando esse ato em prazer e emoção.

Bolton (1997 apud DOLABELA, 2008) demonstra que existem grandes transformações no campo da economia de desenvolvimento empresarial e da educação, que mostram que os atuais modelos já não correspondem com eficácia para a explicação e solução de problemas. Assim, as instituições de ensino necessitam rever suas abordagens e como exemplo, citam-se os cursos de administração, que ainda cultuam a formação de profissionais preparados para atuarem em grandes empresas, omitindo outros leques de formação e deixando de atender outros nichos de mercado.

Tendências internacionais revelam que no mundo todo o empreendedorismo é uma febre, sendo que o número de instituições universitárias que oferecem esse tipo de conteúdo nos Estados Unidos cresce exponencialmente, sendo inclusive obrigatório o ensino de empreendedorismo em alguns estados americanos (DOLABELA, 2008).

Vive-se hoje na era do conhecimento, portanto, um novo elemento passa a ocupar o centro da competitividade: a capacidade de inovar. Neste contexto, o

profissional dos novos tempos deve englobar além do domínio de conhecimentos do estado da arte, deve ser especialista no que até então não existe, isto é, deve ser focalizado em conceber um novo futuro e de saber transformá-lo em realidade (DOLABELA, 2008).

A partir disso, seja a inovação viabilizada pela criação de um negócio próprio ou por meio de inovação permeada pelo próprio empregado, tudo isso demanda como elemento norteador a “inovação”, pois ela será a condução de um negócio bem gerido e sucedido. Portanto, o papel das instituições de ensino deve residir em ativar este perfil empreendedor nos profissionais que se encontram em formação, buscando incumbir programas, teorias, práticas, experiências na realidade educacional brasileira.

Cabe destacar que o empreendedorismo pode ser ensinado, bem como pode ser aprendido e que devem ser criados programas e cursos como sistemas de aprendizado adaptados à lógica desse campo de estudo, que contemplem temáticas de Pequenas e Médias Empresas (PME) e gestão, empresa familiar, trabalho autônomo, práticas intra-empreendedoras, criação e início de operação de empresas, apoio ao empreendedorismo, entre outros (FILION, 2000).

Conforme Dolabela (2008) a formação de empreendedores nas escolas consolida uma oportunidade única de abordar os conteúdos éticos que envolvem a atividade econômica e profissional. Nesse sentido, o empreendedor é considerado aquele que oportuniza valor positivo para a coletividade, por conseguinte, esse perfil denota uma responsabilidade com a ética, cidadania e também, um alto comprometimento com o meio ambiente e a responsabilidade social.

Ao abordar a educação empreendedora, torna-se relevante salientar os papéis do professor pesquisador em empreendedorismo, que deve ir além de seu clássico papel de apenas preparar projetos de pesquisa, captar recursos, realizar pesquisas e assumir as funções no âmbito de sua comunidade de negócios (FILION, 2000).

O professor pesquisador poderá participar de júris de concursos de empresas, elaborar projetos de apoio ao empreendedorismo para ministérios e órgãos públicos a fim de conceber políticas e práticas para aqueles que apóiam o empreendedorismo. Ao professor de empreendedorismo, caberá exercer o papel de intra-empreendedor, por meio do desenvolvimento de novos cursos e programas. “Os requisitos dos papéis a serem desempenhados são multifacetados e demandam

tanto uma formação acadêmica como a de um operador do setor privado” (Ibid., 2000, p. 29).

O professor pesquisador em empreendedorismo deve ser o próprio exemplo empreendedor dentro da universidade. Para tanto, ele deve desmistificar aquela educação voltada exclusivamente para o emprego e a cultura da grande empresa, contribuindo para que os alunos aprendam a ser empreendedores, por meio de instrumentos e abordagens alinhadas às tendências do mercado atual.

As universidades e outros órgãos brasileiros que apóiam programas de empreendedorismo no Brasil como o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e o Sistema Instituto Euvaldo Lodi (IEL), centros de pesquisa, prefeituras, governos estaduais conjuntamente têm planejado e implementado o fomento de políticas de parcerias para alavancarem o empreendedorismo no país.

“A educação voltada para o empreendedorismo é uma atividade imprescindível que o governo de uma nação deve privilegiar” (MIRSHAWKA, 2003, p. 59). Portanto, devem existir iniciativas públicas de estímulo ao empreendedorismo, por meio de políticas de destinação de recursos para o estabelecimento de negócios, pois isso será reflexo de um governo efetivamente empreendedor.

Por fim, Dolabela (1999) enfatiza que as habilidades e capacidades empreendedoras devem integrar programas de ensino em todos os níveis, isto é, desde a educação infantil até a universidade; afinal, o ensino de empreendedorismo é indispensável para qualquer tipo de atividade profissional.

3 METODOLOGIA

A pesquisa compreende um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2002, p. 17). Nesta perspectiva, esta pesquisa desenvolveu-se a partir de um planejamento, que se constituiu, fundamentalmente, de três etapas: fase decisória: que diz respeito à escolha do tema, à definição e à delimitação da problemática; fase construtiva: que diz respeito à construção do plano de pesquisa e à execução da pesquisa propriamente dita; e, fase redacional: que diz respeito à análise e interpretação dos dados e informações obtidas na fase anterior. Aqui, organizaram-se as ideias de forma sistematizada visando a elaboração do relatório final, que neste caso é a monografia.

Para a realização do presente estudo, a partir de leituras iniciais definiu-se que o assunto a ser discutido contemplaria o empreendedorismo no universo da arquivologia. Após a definição do tema, arquivologia e empreendedorismo, foram realizadas inúmeras leituras exploratórias do material bibliográfico, para identificar a relevância das obras para a presente investigação. Posteriormente, as leituras seletivas permitiram determinar quais seriam as referências que realmente vinham ao encontro do tema escolhido.

Assim, escolhido o tema, partiu-se para a formulação do problema, pois é a partir de um enigma claramente formulado que um projeto começa a ser definitivamente processado.

O trabalho é um estudo descritivo de abordagem quali/quantitativa. A pesquisa classifica-se em descritiva por apresentar como objetivo principal a descrição das características de determinada população, portanto, a presente pesquisa assim se define, pois se investigou e analisou a existência do perfil empreendedor nos alunos do curso de Arquivologia da UFSM. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa no que se refere à análise e discussão dos resultados, a qual permitiu finalizar a pesquisa de acordo com os objetivos traçados. A pesquisa classifica-se também como quantitativa pelo emprego de tabulação por gráficos e tabelas, que apresentam os resultados por meio de critérios numéricos.

3.1 Delimitação da população

Conforme Silva e Menezes (2001, p. 32) população ou universo da pesquisa é a “totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um determinado estudo”.

Nesse sentido, o universo desta pesquisa compreende todos os alunos regularmente matriculados no curso de Arquivologia da UFSM e que estão frequentando as disciplinas ofertadas no primeiro semestre de 2010. Conforme dado disponibilizado pelo Departamento de Registro Acadêmico (DERCA) da UFSM, o curso de Arquivologia possui, no total, 119 (cento e dezenove) alunos matriculados, sendo que neste número estão incluídos 9 (nove) trancamentos. Assim, dos 110 possíveis pesquisados foram aplicados 68 questionários, perfazendo em torno de 61,82% o índice de resposta. Assim, obteve-se os seguintes números de questionários respondidos por semestre: 20 da turma do primeiro semestre; 21 da turma do terceiro semestre; 16 da turma do quinto semestre; e, 11 da turma do sétimo semestre.

3.2 Instrumento da pesquisa

O instrumento para coleta de dados adotado na presente pesquisa consubstanciou-se em um questionário, dividido em duas partes. A primeira apresenta questões gerais do perfil do pesquisado (como idade, sexo, etc) e a segunda apresenta o Teste TEG – Tendência Empreendedora Geral. Esse teste foi desenvolvido na Unidade de Formação Empresarial e Industrial da *Durham University Business School*, em Durham, Inglaterra; e, possibilita traçar o perfil empreendedor, a partir de cinco características relacionadas à pessoa empreendedora: necessidade de sucesso; necessidade de autonomia; tendência criativa; assumir riscos; e, impulso e determinação.

O teste possui 54 (cinquenta e quatro) afirmações, por meio das quais os alunos podem expressar suas reações de acordo ou desacordo. As questões são direcionadas para corresponder as categorias acima mencionadas, onde seis questões relacionam-se à característica “necessidade de autonomia” e as

características restantes compreendem doze questões cada. Para cada questão respondida existe uma pontuação que ao final foi distribuída em uma matriz. O cálculo encontra-se no item 3.4 – Tabulação, análise e apresentação dos dados.

3.3 Método de coleta de dados

Após a elaboração e revisão do questionário, realizou-se a sua validação através de um pré-teste junto a alguns alunos do Curso, que permitiu a correção de algumas inconsistências e então, procedeu-se a sua aplicação.

No processo de coleta de dados, realizado no mês de maio de 2010, o questionário foi aplicado no período de aulas, na própria sala e conforme prévio agendamento com os professores. Conforme Gil (2002) para que os dados da pesquisa sejam livres de erros introduzidos por pesquisadores ou por outras pessoas, torna-se necessário supervisionar, de maneira rigorosa, a equipe coletora de dados. Assim, o questionário foi aplicado pela própria pesquisadora, a fim de zelar pelo sigilo e veracidade das respostas, bem como para dirimir quaisquer dúvidas que poderiam surgir.

3.4 Tabulação, análise e apresentação dos dados

Após a coleta, realizou-se a tabulação dos dados, que consistiu num primeiro momento, no cálculo de pontuação do Teste TEG (Modelo de Durham), demonstrado a seguir.

Conforme Peloggia (2001) o cálculo para caracterização do estilo empreendedor, através do Modelo de Durham, procede nas seguintes etapas:

Etapa 1 – a partir do quadro que se encontra na folha de respostas do questionário (Apêndice A), anotou-se 1 ponto para cada “D” assinalado nas casas sombreadas. Do mesmo modo, anotou-se 1 ponto para cada “A” assinalado nas casas não sombreadas.

Etapa 2 – realizou-se o somatório da pontuação total por linha e anotou-se na margem da folha no espaço destinado a essa informação.

Etapa 3 – somados os totais das linhas 1 e 6. Esse resultado indica a

pontuação da seção 1 (Necessidade de sucesso).

Etapa 4 – a linha 3 dá a pontuação para a seção 2 (Necessidade de autonomia).

Etapa 5 – somados os pontos das linhas 5 e 8, obtém-se o resultado da seção 3 (Tendência criativa).

Etapa 6 – somados os pontos das linhas 2 e 9, é possível obter o resultado para a seção 4 (Assumir riscos).

Etapa 7 – somados os pontos das linhas 4 e 7, tem-se o resultado da seção 5 (Impulso e determinação).

Conforme Gaião et al (2009) as categorias de necessidade de sucesso, tendência criativa, assumir riscos e impulso e determinação poderão atingir a soma máxima de 12 (doze) pontos; enquanto que, na categoria de necessidade de autonomia o valor máximo obtido é de 6 (seis).

Quanto à média esperada, Ferreira e Aranha (2008) apresentam os seguintes números de acordo com as cinco categorias: necessidade de sucesso a média esperada é 9 (nove); necessidade de autonomia a média esperada é 4 (quatro); tendência criativa a média esperada é 8 (oito); assumir riscos a média esperada é 8 (oito); e, impulso e determinação a média esperada é 8 (oito).

Dessa forma, após a tabulação dos dados por meio do cálculo, as respostas do questionário (parte 1 e 2) foram distribuídas em gráficos e tabelas, através do *Microsoft Office Excel*. Na sequência, procedeu-se a interpretação e discussão dos resultados da investigação, com base na fundamentação teórica estudada, o que permitiu concluir o trabalho.

Por fim, atendendo a terceira etapa do planejamento da pesquisa, foi redigido o pré-relatório da pesquisa, que resultou, posteriormente, na presente monografia.

Assim, a partir dos procedimentos metodológicos descritos, confia-se que uma pesquisa é a consequência de muito estudo, reflexão e discussão, o que possibilita ao investigador explorar e divulgar importantes temáticas, por meio do desenvolvimento das mais diversas áreas e interdisciplinaridades. A partir dos métodos descritos acima, foi conduzida a pesquisa com o objetivo de traçar, da forma mais verídica possível, o perfil empreendedor dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM.

4 UNIVERSO DA PESQUISA

4.1 Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria⁷

O curso de Arquivologia da UFSM foi criado em 10 de agosto de 1976. Sua instalação deu-se em março de 1977 com oferecimento de 25 vagas anuais e quatro habilitações: Arquivos Empresariais, Arquivos Escolares, Arquivos Históricos e Arquivos Médicos. Em 18 de abril de 1977, tiveram início as atividades do Curso.

Ao longo do tempo, considerando as novas realidades, o currículo do Curso passou por reformulações visando à adequação na formação profissional às expectativas institucionais e empresariais. Após estudos e discussões foi aprovado, em 2004, o currículo que está em vigor nos dias atuais.

Quanto aos objetivos, o curso de Arquivologia destina-se a formar profissionais da informação, bacharéis em Arquivologia, capazes de implementar sistemas de gestão da informação arquivística no âmbito de instituições públicas e privadas. Sua formação é generalista, pautada numa construção interdisciplinar, preparando um arquivista cidadão apto para além de exercer atividades técnicas e científicas, produzir e difundir conhecimentos, refletir criticamente sobre a realidade que o envolve, buscar aprimoramento contínuo e observar padrões éticos de conduta.

Arquivista é bacharel em Arquivologia, cuja formação é generalista, pautada numa construção interdisciplinar com a História, Direito, Informática, Administração, Comunicação e Paleografia, com a finalidade de preparar um arquivista cidadão apto para estabelecer uma inter-relação atual com a sociedade onde está inserido. Este profissional vivencia, no mundo novas perspectivas com relação à sua atuação, isto é, a ele é imposto o desafio frente aos novos paradigmas das tecnologias aplicadas aos arquivos.

O Curso já formou mais de quatrocentos profissionais em vinte e cinco anos de existência. De acordo com o currículo vigente, o Curso disponibiliza 30 vagas de ingresso, possibilitando a habilitação de bacharel em arquivologia, num período mínimo de seis semestres e máximo de dez, num total de 2.160 horas em disciplinas

⁷ Fonte: Site do curso de Arquivologia/UFSM. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/arquivologia/>. Acesso em: 10 mai.2010.

obrigatórias e 225 horas em atividades complementares. No Quadro 1, apresenta-se a grade curricular do curso de Arquivologia da UFSM (sequência sugerida), aprovada em 2004 e que se encontra vigente.

Curso de Arquivologia da UFSM		
Semestre	Carga horária (hs)	Disciplina
1°	60	Introdução à ciência da Administração I
1°	60	Informação e linguagens documentárias
1°	60	Introdução ao estudo da Arquivologia
1°	60	Direito administrativo
1°	60	Introdução ao estudo da História
2°	60	Introdução à Comunicação
2°	30	Noções de Contabilidade
2°	90	Fundamentos da Arquivística
2°	60	História social do Brasil
3°	60	Arquivística aplicada
3°	60	Avaliação de documentos
3°	60	Bancos de dados aplicados à Arquivística
3°	60	Gerência de arquivos I
3°	60	Estatística para Arquivologia
4°	60	Arranjo e descrição de documentos I
4°	60	Conservação preventiva de arquivos
4°	60	Gerência de arquivos II
4°	60	Metodologia da pesquisa
4°	60	Processamento da informação digital
5°	60	Arranjo e descrição de documentos II
5°	60	Paleografia
5°	30	Ética e legislação Arquivística
5°	60	Reprografia
5°	30	Restauração de documentos
5°	30	Seminário de pesquisa I
6°	45	Diplomática
6°	45	Referência e difusão em Arquivos
6°	165	Projeto de Arquivo
6°	60	Seminário de pesquisa II
7°	225	Estágio supervisionado em Arquivologia
7°	120	Trabalho de Conclusão de Curso

Quadro 1 – Grade curricular do Curso de Arquivologia da UFSM⁸.

⁸ Fonte: Site do Curso de Arquivologia/UFSM. Disponível em: www.ufsm.br/arquivologia. Acesso em: 10 jun.2010.

A formação baseia-se em conteúdos que preparam o profissional da informação arquivística para enfrentar com proficiência e criatividade os problemas de sua prática profissional, não se restringindo à perspectiva de profissionalização estrita e especializada, mas pautando-se além de competência e habilidade, em princípios de cooperação e democracia.

5 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Nesta seção são apresentados os resultados deste estudo, considerando os objetivos propostos, e discutidos teoricamente, com base na fundamentação teórica que integra este trabalho. Primeiramente, foi caracterizado o perfil dos alunos com base nos dados gerais coletados na primeira parte do questionário. Após, apresenta-se os resultados e análise da segunda parte do instrumento que remete ao Teste TEG, que corresponde à tendência empreendedora dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM.

5.1 Dados gerais

Quanto à faixa etária, percebe-se que a maioria dos alunos pesquisados encontra-se na faixa de 19 a 25 anos. A partir disso, observa-se que o universo de estudantes de Arquivologia é bastante jovem (Gráfico 1).

Isto vem ao encontro de recente pesquisa realizada por Bortoluzzi (2009), quando afirma que os alunos do curso de Arquivologia da UFSM eram de faixa etária jovem, na qual a maioria tinha idade entre 15 a 20 anos (41,4%).

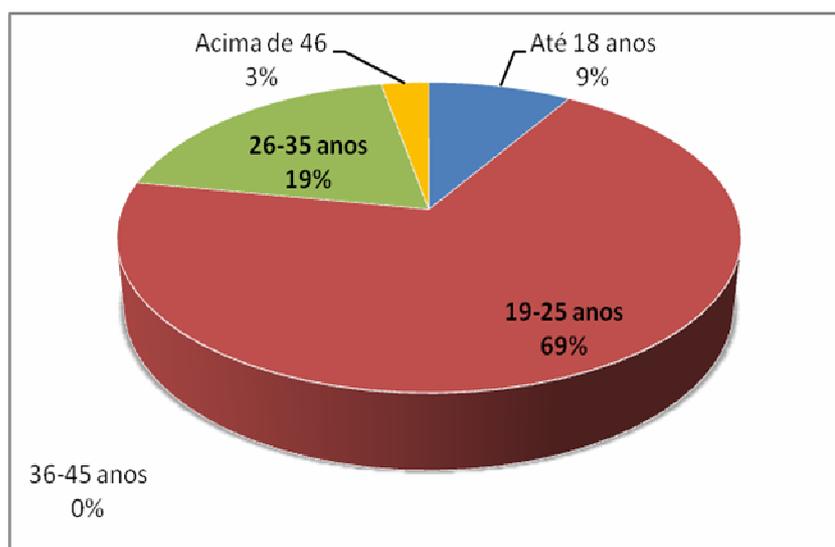


Gráfico 1 – Faixa etária dos alunos.

Outra questão levantada na pesquisa trata-se do sexo dos respondentes. Assim, observou-se que há predominância do sexo feminino, com uma diferença de 26% a mais para as mulheres que representam 63% do total da população participante (Gráfico 2).

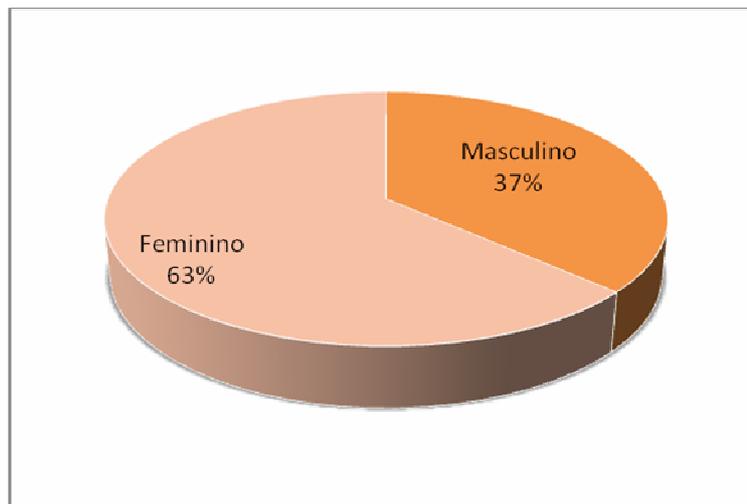


Gráfico 2 – Sexo dos alunos.

Ao encontro deste resultado, a pesquisa de Dorneles (2005), assim como a de Bortoluzzi (2009) já haviam antecipado que o perfil do aluno do Curso de Arquivologia da UFSM era do sexo feminino.

Assim, este resultado vem reafirmar a pesquisa do Atlas Socioeconômico do Rio Grande do Sul⁹, quando apresenta as mulheres são a maioria no Rio Grande do Sul (RS). Essa pesquisa ainda divulga que grandes cidades como Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria têm proporcionalmente os maiores contingentes do sexo feminino. Esse resultado é compartilhado pela Fundação de Economia e Estatística¹⁰ (FEE), que divulgou em 2008, que o município de Santa Maria tinha uma população de 126.874 homens e de 139.335 mulheres.

Com relação ao estado civil, a maioria dos alunos respondeu ser solteiro, o que pode ser compreendido pela própria faixa etária da maioria dos alunos (Gráfico 3). Conforme Bortoluzzi (2009) este resultado pode estar relacionado ao fato da maior parte dos alunos corresponder a uma faixa etária jovem, o que justificaria o número expressivamente inferior das outras opções.

⁹ Fonte: Disponível em: <http://www.scp.rs.gov.br/ATLAS/> . Acesso em: 13 mai.2010.

¹⁰ Fonte: Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/pt/content/capa/index.php> . Acesso em: 13 mai.2010.

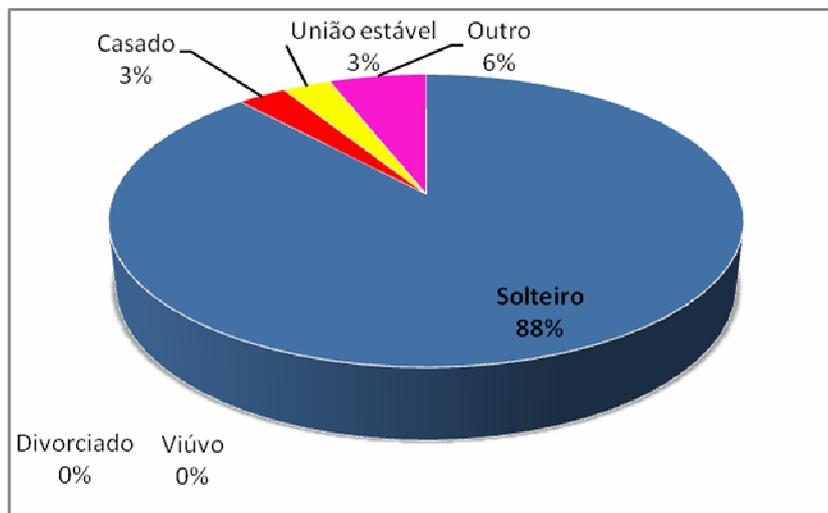


Gráfico 3 – Estado civil dos alunos.

Convém salientar que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística¹¹ (IBGE) divulgou em 2008 a Síntese dos Indicadores Sociais (SIS). Este estudo apresentou dados sobre casamentos, separações judiciais e divórcios provenientes das Estatísticas do Registro Civil referentes a 2006. Em 1997, 2002 e 2006, o comportamento da nupcialidade legal teve variações diferenciadas regionalmente, tendo sempre elevações de 2002 para 2006. Para o conjunto do País reverteu-se a tendência de queda dessa taxa, que foi de 6,4‰ (6,4 em cada mil) em 1997, para 5,7‰ em 2002, e para 6,5‰ em 2006. O crescimento entre 2002 e 2006 está ligado ao maior número de casais que formalizaram suas uniões consensuais, incentivadas pelo código civil renovado em 2002 e pelos casamentos coletivos promovidos desde então. Em 2006, entre as mulheres, as maiores taxas de nupcialidade legal ocorreram nos grupos etários de 20 a 24 anos (30,0‰) e 25 a 29 anos (29,1‰). Observou-se significativa redução na taxa de nupcialidade entre mulheres menores de 19 anos em relação a 1997, reduzindo de 24,2‰ para 14,8‰, a mesma taxa do grupo etário 30 a 34 anos, o que evidencia uma mudança no que se refere a idade da mulher ao formalizar sua união, seja o primeiro ou demais casamentos. Houve elevação da taxa de nupcialidade dos homens em todos os grupos etários a partir de 25 anos e redução nos dois grupos etários mais jovens (15 a 19 anos e 20 a 24 anos) em relação a 1997.

¹¹ Fonte: Disponível em: www.ibge.gov.br . Acesso em: 10 jun.2010.

Quanto ao local de nascimento, visualizou-se que a metade dos alunos nasceu em Santa Maria, cidade onde se situa a própria Universidade. A outra metade corresponde a outras cidades, na sua maioria pertencentes a regiões próximas a Santa Maria, tais como: Restinga Seca, Faxinal do Soturno, Farroupilha, Salto do Jacuí, Júlio de Castilhos, Dona Francisca, Caibaté, Sobradinho, Soledade, Jaguari, Mata, Cachoeira do Sul, Caçapava do Sul, entre outras. A partir disso, observa-se que o público-alvo do curso de Arquivologia da UFSM é bem regionalizado, visto que a maioria pertence à grande região central do Estado (Gráfico 4).



Gráfico 4 – Local de nascimento dos alunos.

Quanto ao rendimento médio mensal da família dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM, no Gráfico 5, observa-se que 55% possui rendimentos entre R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00.

A Cetelem Brasil¹² é uma empresa ligada ao mercado financeiro que pesquisa o comportamento do consumidor brasileiro e avalia sua intenção de compra, por classe social e de acordo com as regiões do País. No final de 2009, a empresa realizou uma pesquisa e revelou que a renda média das famílias brasileiras era de R\$ 1.285,00 e ainda, que todas as classes sociais perderam renda disponível em 2009, em comparação a 2008, devido aos reflexos da crise financeira mundial.

Portanto, a partir dos resultados da pesquisa neste quesito e conforme os

¹² Fonte: Disponível em: http://www.cetelem.com.br/porta/Para_Voce/index.shtml . Acesso em: 11 jun.2010.

dados da Cetelem, permite-se avaliar que a situação sócio-econômica dos respondentes é razoável, ficando na média em relação à realidade econômica nacional.

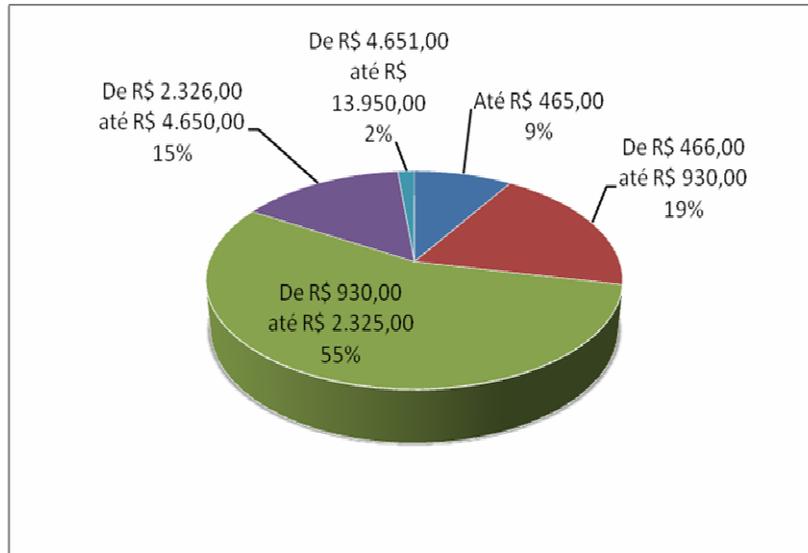


Gráfico 5 – Rendimento médio mensal da família.

Outra questão analisada refere-se ao fato do aluno possuir algum membro da família que detenha negócio próprio. “Não” foi a resposta da maioria (87%) dos alunos. O índice de resposta “sim” foi de 13%, com especificação de que na maioria, os pais possuem algum empreendimento voltado, principalmente, para o segmento da prestação de serviços (Gráfico 6). No item 5.2 Tendências empreendedoras, é apresentada a análise da tendência empreendedora dos alunos com relação a inspiração de algum modelo empreendedor de seu núcleo familiar.

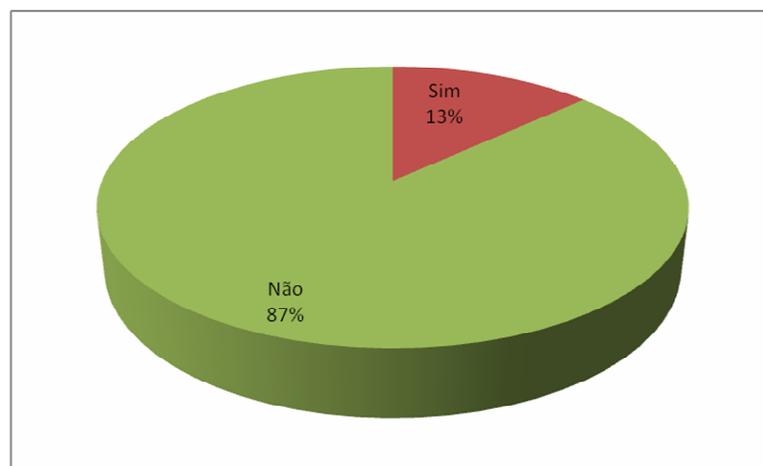


Gráfico 6 – Percentual de alunos que possuem familiar empreendedor.

No que diz respeito às atividades exercidas pelos alunos, observa-se que 57% concilia os estudos com alguma atividade extra-curricular (bolsas ou estágios). Esse resultado é validado pelo crescente interesse das empresas em organizar os documentos, acreditando que o tratamento documental eficaz é precedido por um trabalho específico de uma pessoa da área (Gráfico 7).

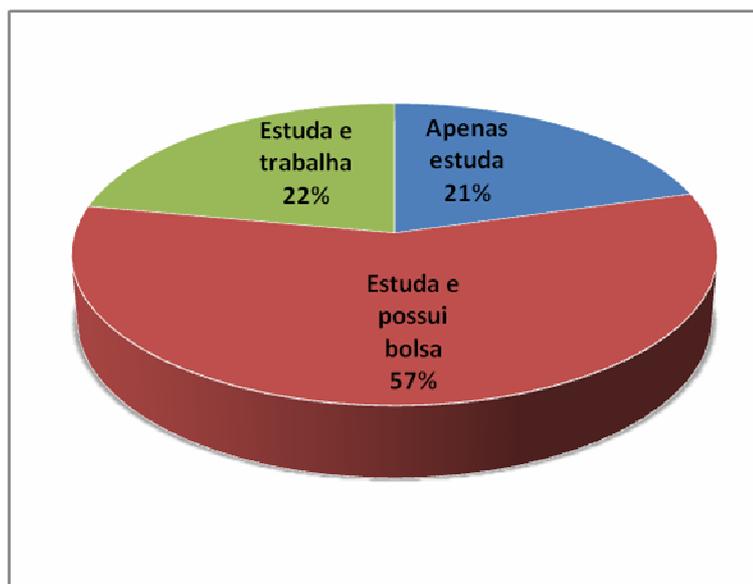


Gráfico 7 – Atividades exercidas pelos alunos.

Na pergunta referente a escolha do curso, buscou-se saber qual o motivo que levou o aluno a ingressar no curso de Arquivologia. Conforme o Gráfico 8, 42% foi o índice de resposta mais alto, que indicou como resposta o interesse pela área. Merece atenção e preocupação que a segunda resposta mais assinalada foi concorrência e/ou ponto de corte baixo, o que realmente é verdadeiro, visto que o curso de Arquivologia é um das graduações que apresenta os índices mais baixos de concorrência e ponto de corte nos processos seletivos de ingresso na UFSM.

Conforme a Comissão Permanente de Vestibular (COPERVES) da UFSM¹³, em 2010, a relação candidato X vaga ficou em: 1,33 para o Sistema Cidadão Presente A (afro-brasileiros); 1 para o Sistema Cidadão Presente B (necessidades especiais); 4,20 para o Sistema Cidadão Presente C (escolas públicas); e 2,33 para o Sistema Cidadão Presente E (candidatos que não se enquadram nas cotas anteriores ou não desejam participar dos demais Sistemas).

¹³ Fonte: Comissão Permanente do Vestibular. Disponível em: www.ufsm.br/coperves. Acesso em: 20 mai.2010.

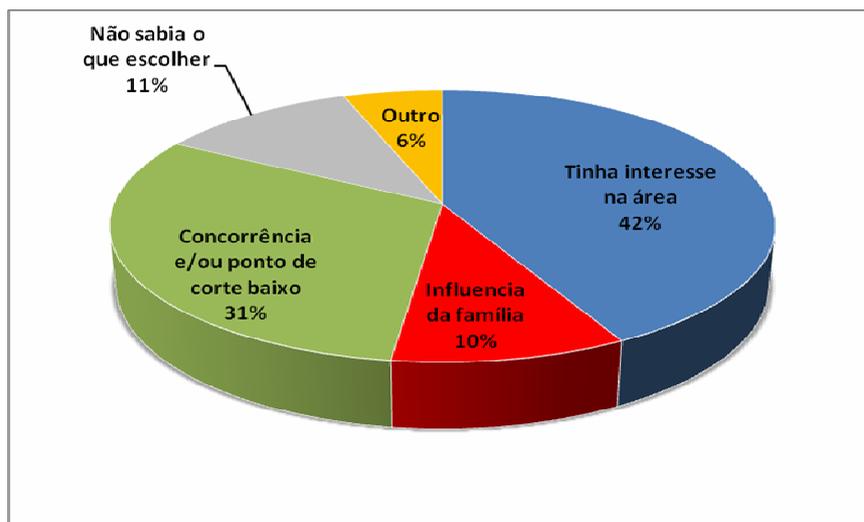


Gráfico 8 – Motivo de escolha pelo curso de Arquivologia.

Quanto ao objetivo dos alunos, após ingressar no curso de Arquivologia, a resposta que dominou foi prestar concurso público, com 75%. Essa resposta é legitimada pelo fato de nos últimos anos haver um aumento significativo de vagas para arquivistas em concursos públicos, tanto em esfera federal, estadual ou municipal (Gráfico 9). A quantidade de concursos¹⁴ (que oferecem, inclusive, bons salários), a expansão da área e sua crescente visibilidade, o reconhecimento da importância do trabalho e a quantidade de opções de atuação continuam sendo os melhores motivos para um jovem ingressar nessa especialidade.

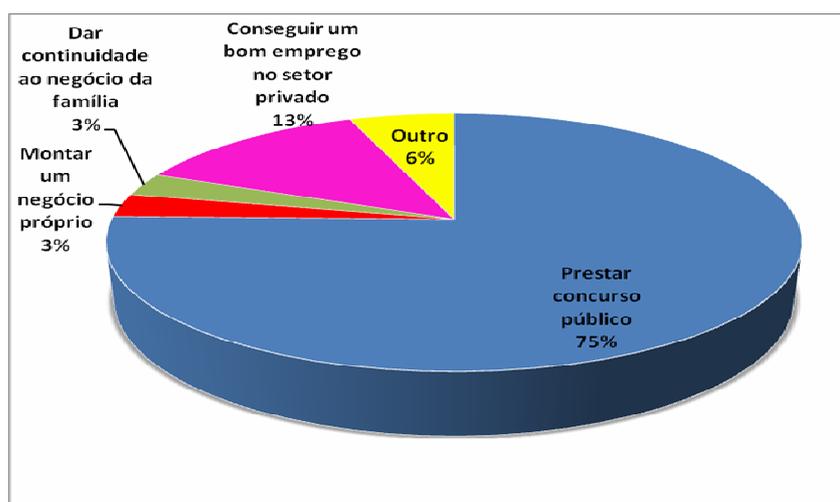


Gráfico 9 – Após ingresso no Curso, qual o objetivo do aluno hoje.

¹⁴ Fonte: Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://coralx.ufsm.br/arquivologia/index.php?option=com_content&view=article&id=93:sua-profissao-saiba-mais-sobre-arquivologia&catid=1:noticias&Itemid=53 . Acesso em: 06 jun.2010.

Os alunos, quando questionados a respeito das disciplinas do Curso, a maioria, isto é, 59% respondeu que as mesmas fornecem conteúdo para se trabalhar em uma empresa já estruturada. Em outro extremo, apenas 1% respondeu que as disciplinas contribuem para uma formação que possibilite a abertura de um negócio próprio (Gráfico 10).



Gráfico 10 – Considerações quanto às disciplinas do Curso.

Outra questão envolvia os docentes, isto é, tinha por objetivo verificar que tipo de formação os docentes estão transmitindo aos seus alunos. O índice de 61% sobressaiu-se ao indicador que os docentes dão enfoque às disciplinas para que os alunos trabalhem em uma empresa já estruturada, o que deixa evidente a postura da maioria dos docentes com relação à formação dispensada aos alunos (Gráfico 11).

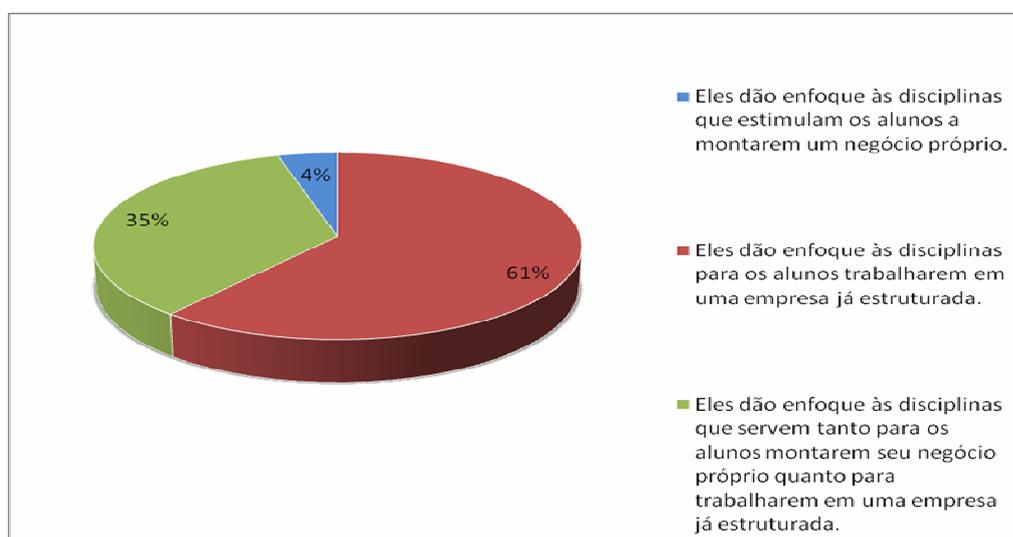


Gráfico 11 – Considerações quanto aos docentes do Curso.

Assim, a partir do Gráfico 10 e 11, ao encontro desses resultados, apresenta-se que o Curso atende parcialmente as expectativas do mercado de trabalho. Por um lado, isso denota que os alunos são observadores quanto às exigências do mercado e, por outro, é pertinente o fato de que algumas melhorias ainda necessitam ser implementadas em benefício da formação destes alunos (BORTOLUZZI, 2009).

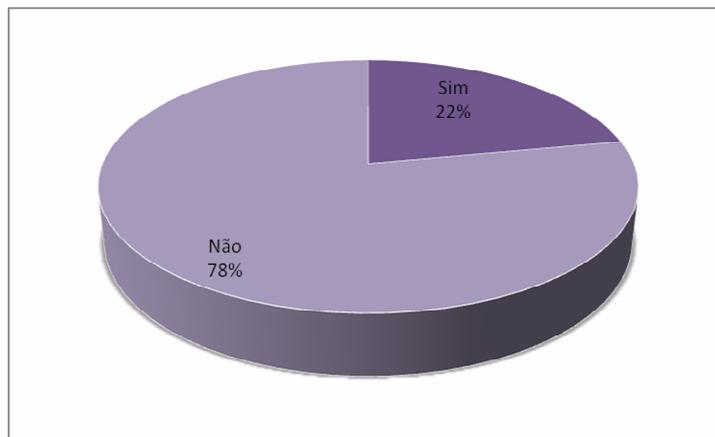


Gráfico 12 – Houve a realização de algum trabalho ou alguma disciplina que abordasse a temática de empreendedorismo durante o curso.

O último questionamento referia-se ao fato do aluno ter alguma noção de empreendedorismo (Gráfico 12), através da realização de algum trabalho ou de alguma disciplina que abordasse a temática de empreendedorismo em sala de aula. Prevaleceu a resposta “não” com 78%. Apenas 22% dos alunos assinalaram “sim”, justificando que obtiveram conhecimento sobre empreendedorismo na disciplina de Introdução a Ciência da Administração I.

5.2 Tendência empreendedora

Na sequência, apresentam-se os resultados da segunda parte do questionário aplicado, com o objetivo de levantar as características empreendedoras, de acordo com o Modelo de Durham (1988).

A Tabela 1, chamada de “Nível de incidência da pontuação pelos alunos no Teste TEG”, compreende a quantidade de alunos, distribuídos conforme sua

pontuação (de 0 a 12) em cada uma das características apresentadas pelo Teste TEG. Ressalta-se que, na tendência de necessidade de autonomia não houve pontuação a partir de 7 (sete), visto que nesta categoria o valor máximo que pode se atingir é 6 (seis). Portanto, a partir das partes “sombreadas”, observa-se a concentração de alunos que realizaram as referidas pontuações (0 a 12) em cada tendência (necessidade de sucesso, necessidade de autonomia, tendência criativa, assumir riscos e impulso e determinação).

Tabela 1 – Nível de incidência da pontuação pelos alunos no Teste TEG.

Pontuação	Necessidade de sucesso	Necessidade de autonomia	Tendência criativa	Assumir riscos	Impulso e determinação
0	0	4	0	0	0
1	0	9	0	1	0
2	1	11	1	0	0
3	0	16	1	5	1
4	2	17	10	7	2
5	7	9	6	9	1
6	10	2	12	19	4
7	7	0	13	6	7
8	16	0	13	5	8
9	11	0	6	10	18
10	11	0	3	5	9
11	3	0	3	1	13
12	0	0	0	0	5

Ao analisar a Tabela 1, observa-se que em “Necessidade de sucesso” a pontuação concentrou-se de 5 a 10 (a média é 9); já em “Necessidade de autonomia” os respondentes obtiveram de 1 a 4 pontos (a média é 4); na “Tendência criativa” a pontuação ficou de 4 a 8 (a média é 8); a tendência de “Assumir riscos” ficou diluída entre 3 a 9 (a média é 8), apresentando um pico, representado por 19 alunos que obtiveram 6 pontos na característica de assumir riscos; e por fim, “Impulso e determinação” concentrou sua pontuação de 6 a 11 (a média é 8).

A Tabela 2 apresenta a média de pontuação do curso de Arquivologia da UFSM, englobando os alunos do primeiro até os do sétimo semestre. Portanto, permite-se analisar o resultado da média total dos alunos em relação a média esperada definida pelo teste. Pode-se observar que apenas a tendência por impulso e determinação atingiu uma pontuação maior que a média. Destaca-se que o desvio-padrão foi maior na tendência de assumir riscos, atingindo 2,17. Isso revela uma

maior variabilidade das notas em torno da média, visto que quanto maior o desvio padrão, mais heterogêneos são os perfis empreendedores dos alunos.

Tabela 2 - Média de pontuação do Curso de Arquivologia da UFSM.

Categorias	Entre todos	Média esperada*	Desvio Padrão
Necessidade de sucesso	7,71	9	1,95
Necessidade de autonomia	3,00	4	1,52
Tendência criativa	6,75	8	2,03
Assumir riscos	6,41	8	2,17
Impulso e determinação	8,94	8	2,04

*Conforme Ferreira e Aranha (2008).

5.2.1 Necessidade de sucesso

A partir do Gráfico 13, observa-se que na “Tendência de Necessidade de sucesso”, nenhuma turma atingiu a média esperada. Salienta-se que a turma que ingressou esse ano foi a que mais se aproximou do desejado e no outro extremo, os formandos foram os que apresentaram o índice menor de pontuação.

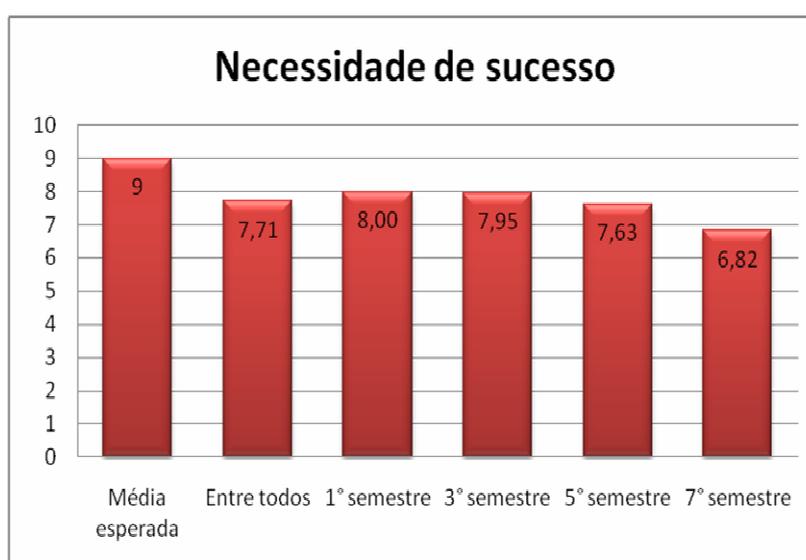


Gráfico 13 – Médias apresentadas em Necessidade de sucesso.

Na análise individualizada dos resultados apresentados no Gráfico 14, observa-se que 63% dos alunos estão abaixo da média. Isto representa que a maioria não apresenta características como: olhar para frente, auto-suficiência, otimismo, orientação para tarefas e resultados, confiante, persistente (FERREIRA e ARANHA, 2008).



Gráfico 14 – Índice dos alunos em relação à média para “necessidade de sucesso”.

Portanto, a partir da pouca expressividade demonstrada nos resultados, infere-se que os alunos possuem pouco dessas qualidades. Nesse sentido, a média dos alunos na categoria de necessidade de sucesso vai de encontro ao que afirma Dolabela (1999, p. 38) quando defende que o empreendedor “é um sonhador realista, embora racional, usa também a parte direita do cérebro”. Assim, entende-se que o empreendedor deve buscar o sucesso por meio da realização de seus sonhos, contudo utilizando a razão.

Degen (2005) corrobora com a afirmação de Dolabela ao mencionar que a ambição dos empreendedores em vencer todas as barreiras e dificuldades, no desenvolvimento de seu empreendimento é decorrente da sua necessidade de realização. As pessoas que têm necessidade de sucesso se destacam porque independente de suas atividades, fazem com que as coisas aconteçam (Ibid., 2005).

Dolabela (1999) define o empreendedor como alguém que sonha e busca transformar seu sonho em realidade, mas, não é possível determinar com certeza se uma pessoa será ou não bem sucedida como empreendedora (Ibid., 2006).

Por outro lado, Degen (2005) apresenta que existem fatores que inibem o surgimento de novos empreendedores e neste sentido, afirma que a maioria das pessoas que são bem sucedidas em suas carreiras profissionais nunca pensaram seriamente na possibilidade de iniciar um negócio próprio. O autor defende que não é porque elas não gostariam de se tornar empreendedoras, mas sim por não estarem dispostas a dar um passo, na sua opinião, para trás, imprescindível ao sucesso, o que significa abandonar o conforto de sua carreira estável para tentar iniciar um empreendimento próprio.

5.2.2 Necessidade de autonomia

A “Necessidade de autonomia” é a tendência que afirma que o empreendedor tem que ser independente, para que possa enfrentar e abrir caminhos que determinem seus rumos, pois o indivíduo necessita de liberdade para se confrontar com situações decorrentes de novas realidades, aproveitando-se das oportunidades para fazer surgir um novo empreendimento (GAIÃO et al, 2009).

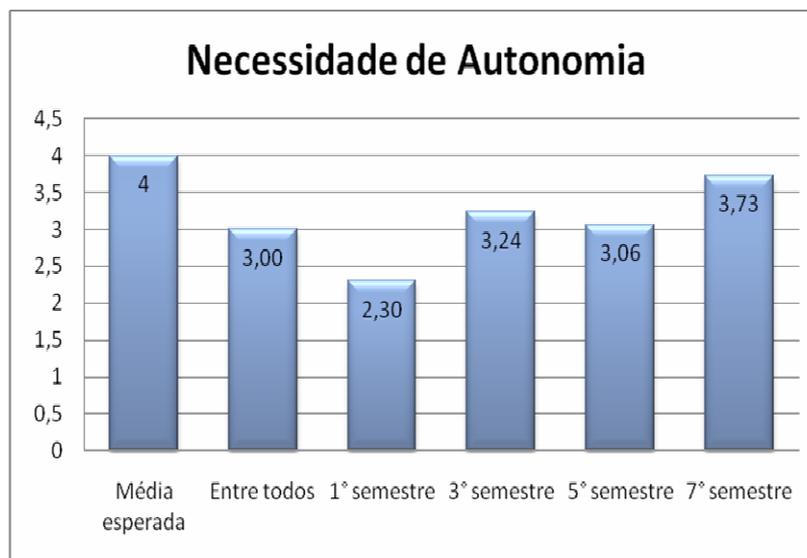


Gráfico 15 – Médias apresentadas em Necessidade de autonomia.

Neste sentido, no Gráfico 15, observa-se que nenhuma das turmas pesquisadas atingiu a média esperada. Contudo, a turma de formandos é a que mais se aproxima do desejado em relação à necessidade de autonomia.

No Gráfico 16, procedeu-se uma análise individualizada, na qual se constata que a maioria, isto é, 59% dos alunos atingiram uma pontuação abaixo da média esperada.

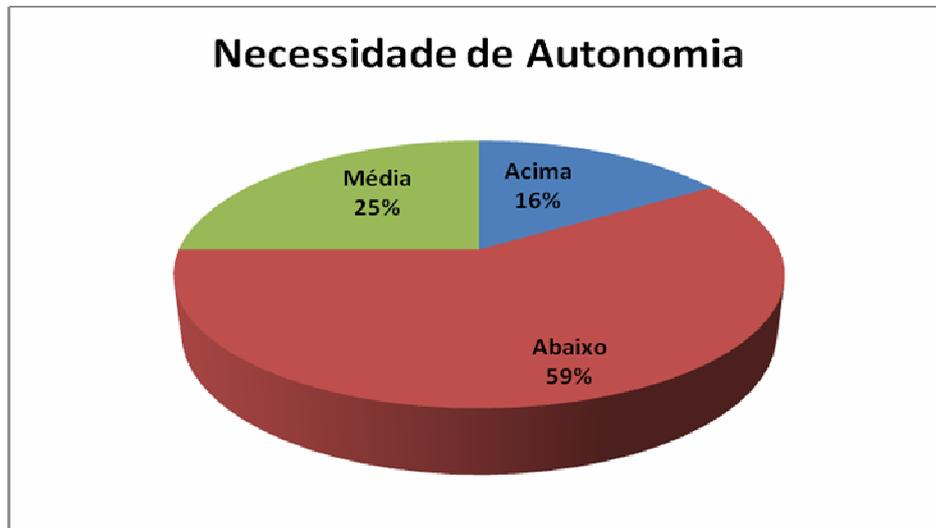


Gráfico 16 – Índice dos alunos em relação à média em “Necessidade de autonomia”.

Conforme Hansemark (1998) necessidade de autonomia caracteriza o empreendedor como uma pessoa que gosta de tomar as decisões e ter o controle das situações.

Neste sentido, possuir autonomia significa ter liberdade, a qual possibilitará o pleno desenvolvimento de empreendimentos, pois o empreendedor não poderá ficar na dependência de outra pessoa, ele é quem deverá tomar as melhores decisões, e na maioria das vezes, sozinho.

Pesquisas mostram que os empreendedores de sucesso são pessoas independentes, as quais enxergam os problemas inerentes a um novo negócio, contudo, acreditam em suas habilidades pessoais para superar tais problemas (CHIAVENATO, 2008).

Portanto, a necessidade de autonomia, também chamada de necessidade de independência, significa a capacidade de determinar seus próprios passos, abrir seu próprio caminho, enfim, buscar a independência é meta fundamental para o sucesso. E ainda, o empreendedor deve ser livre, evitando protecionismos que no futuro poderão se tornar obstáculos aos negócios (SALIM et al, 2004).

5.2.3 Tendência criativa

Na “Tendência criativa”, a partir do Gráfico 17, visualiza-se que nenhuma turma atingiu a média esperada. Vale ressaltar que a turma do primeiro semestre foi a que apresentou o índice mais alto.

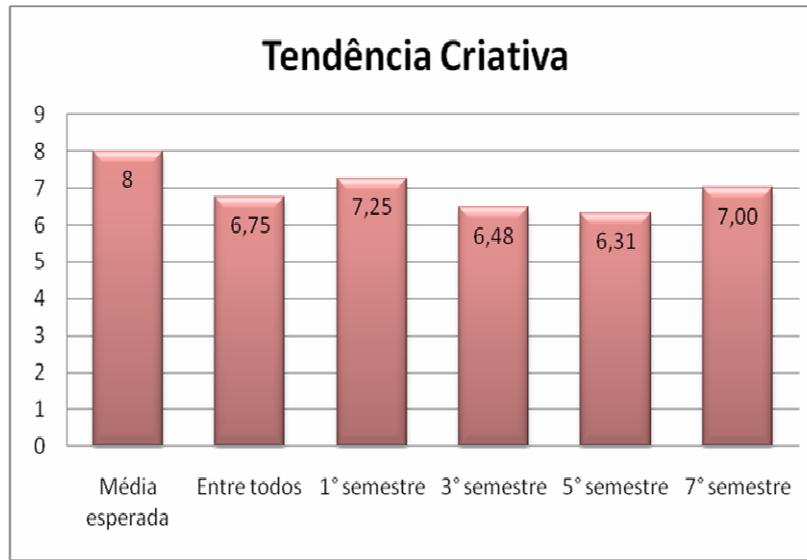


Gráfico 17 – Médias apresentadas em Tendência criativa.

O Gráfico 18 apresenta que 63% dos alunos não atingiram o mínimo esperado, isto é, apenas 18% dos alunos ficaram acima da média, 19% atingiu a média e 63% ficou abaixo da média esperada de 8.



Gráfico 18 – Índice dos alunos em relação à média de Tendência criativa.

Portanto, a partir dos resultados, observa-se que os alunos apresentam muito pouco das qualidades inerentes à criatividade. Nesse sentido, os alunos são pouco imaginativos e inovadores, não possuem a tendência de sonhar acordado, são poucos versáteis, pouco curiosos, pouco intuitivos e não são muito propensos a novos desafios e mudanças.

Esta constatação encontrada no Curso não coaduna com o embasamento de Dolabela (1999, p. 38), que revela a criatividade como uma das principais características do empreendedor, por meio da qual “o empreendedor tem que perceber o mercado de forma diferenciada, ver o que os demais não percebem”.

Degen (2005) defende que é por meio da criatividade que o futuro empreendedor começa a associar as observações dos mais diversos tipos e formas de empreendimentos. A diferença entre os empreendimentos de sucesso e os medíocres ou fracassados é justamente a criatividade do empreendedor (Ibid., 2005).

Desde os estudos de Schumpeter (1942) através do processo de destruição criativa, afirma-se que o empreendedor é importante para a formação da riqueza do país, pois a criatividade dos empreendedores gera constantemente novos produtos, novos métodos de produção e novos mercados, revoluciona sempre a estrutura econômica, destrói sem cessar a antiga e de maneira contínua, cria uma nova.

Por outro lado, Dornelas (2003) faz uma ressalva ao mencionar que a criatividade é algo muito presente na maioria dos empreendedores, contudo, isso não significa que uma pessoa que se considera pouco criativa não pode ser empreendedora. Em algumas pessoas a criatividade parece estar mais presente que em outras, isso depende de vários fatores, não só pessoais, mas do próprio ambiente em que se vive, o qual influencia seu comportamento.

A criatividade pode ser buscada, num primeiro momento, quando a pessoa está aberta para o novo. A partir disso, coisas simples poderão ajudar, tais como: ler novos jornais, diferentes publicações, tentar acordar em horários diferentes, conversar e conhecer outras pessoas, tentar sair da rotina (DORNELAS, 2003).

Enfim, o arquivista necessita aprimorar a tendência criativa, como por exemplo: para substituir um produto ou serviço mais caro e menos eficiente por outro mais barato; efetivar propostas de *marketing* nos arquivos; fidelização de usuários; agregação de tecnologias; gerenciamento de recursos, entre outros.

5.2.4 Assumir riscos

A quarta tendência estudada trata-se de “Assumir riscos”. Neste sentido, o empreendedorismo requer ousadia, que se assumam riscos calculados, que se tornem decisões. Assim, nos Gráficos 19 e 20 mostram-se os resultados referentes à tendência de assumir riscos dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM.

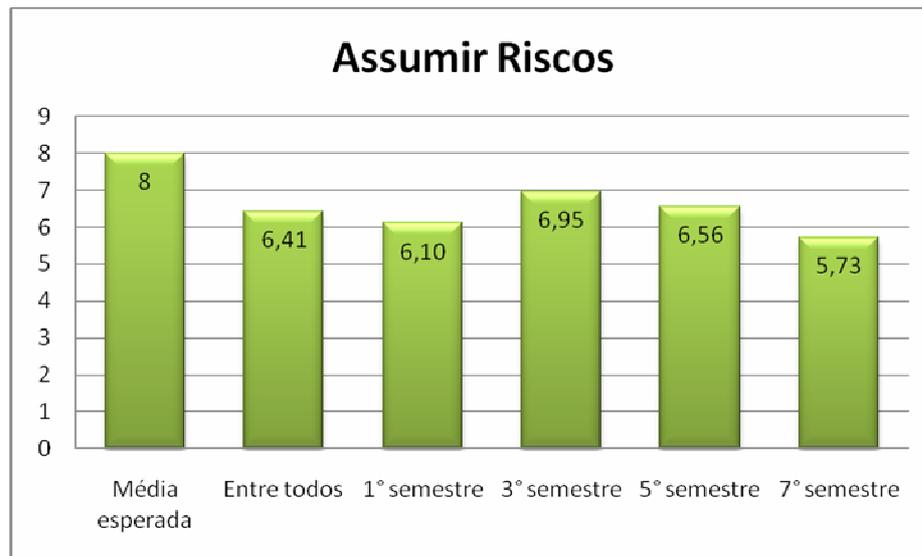


Gráfico 19 – Médias apresentadas em Assumir riscos.

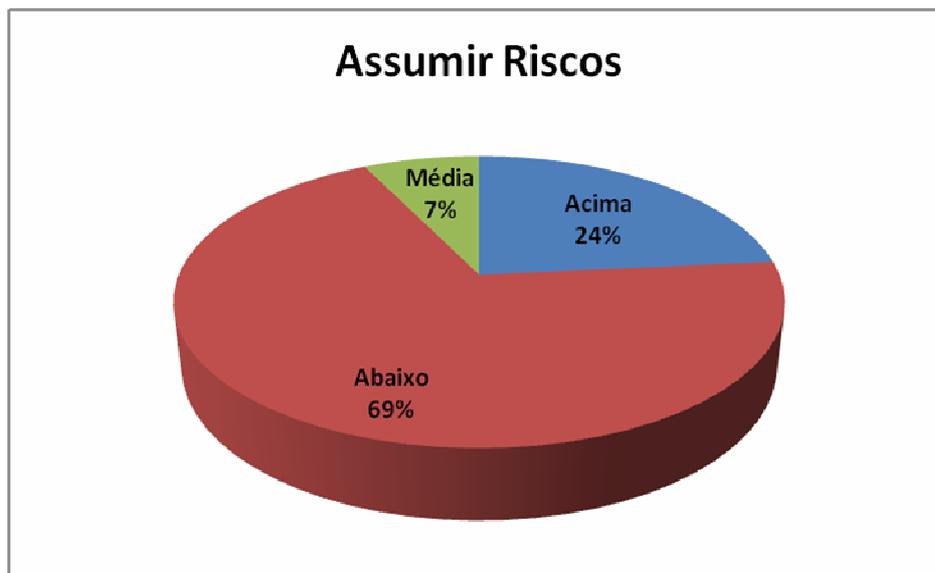


Gráfico 20 – Índice dos alunos em relação à média de “Assumir riscos”.

Ao analisar o Gráfico 19, quanto a categoria de “Assumir riscos”, observa-se que todas as turmas pesquisadas apresentam índices inferiores à média esperada, o que revela que a maioria dos alunos respondentes não está disposta a assumir riscos. Salienta-se que a turma de formandos apresenta o menor resultado, em contrapartida a turma do terceiro semestre é a que apresenta um resultado maior na tendência em assumir riscos. Conforme o Gráfico 20, 69% dos alunos não atingiram a média.

As características inerentes a categoria de Assumir riscos se resumem em: atuar com informação incompleta, avaliar os benefícios prováveis frente ao fracasso provável, valorizar com precisão suas próprias capacidades, fixar objetivos que possam ser cumpridos. Dessa forma, assumir riscos configura-se em uma das maiores qualidades do verdadeiro empreendedor (SALIM et al, 2004).

Portanto, na tendência de Assumir riscos, os alunos do curso de Arquivologia da UFSM, em sua maioria, não estão dispostos a riscos, o que não é compactuado com a premissa de Dornelas (2003), de que qualquer definição de empreendedorismo envolve esse aspecto, isto é, o empreendedor sempre aceita assumir riscos, desde que sejam calculados.

Filion (1999) menciona as características mais frequentemente percebidas nos empreendedores, dentre elas, assumir riscos. Isso vem ao encontro do que Degen (2005) aborda, isto é, de que o empreendedor tem de assumir riscos e seu sucesso reside na capacidade de conviver com eles e de poder sobreviver. Assim, as pessoas que necessitam de uma vida regrada, horários certos, salário garantido no fim do mês, provavelmente, não são pessoas feitas para serem empreendedoras.

Arriscar de maneira consciente é ter coragem de enfrentar desafios, de tentar um novo empreendimento, de buscar por si só, os melhores caminhos. Os riscos fazem parte de qualquer atividade e se torna crucial saber lidar com eles (SALIM et al, 2004).

Portanto, essa característica imprime um gosto por assumir responsabilidades pelas suas decisões. Assim, os alunos do curso de Arquivologia, ao pensarem em abrir um negócio próprio devem encarar que terão que assumir riscos (financeiro, psicológico e familiar). Afinal, o empreendedor por si só tem de assumir riscos, pois seu sucesso está na sua capacidade de conviver e sobreviver a eles. Dolabela (1999) complementa ainda que o empreendedor não é um aventureiro, ele assume riscos moderados; afinal, gosta do risco, mas faz de tudo para minimizá-lo.

5.2.5 Impulso e determinação

A última tendência analisada é “Impulso e determinação”, que diz respeito à característica que se consolida em uma alavanca para a consecução de um empreendimento. Dessa forma, o empreendedor é perseverante e possui atitudes reativas, possuindo foco e obstinação naquilo que quer concretizar. Enfim, ele capta mecanismos para inovar e melhorar continuamente.

Os Gráficos 21 e 22 apresentam os resultados obtidos na tendência de “Impulso e determinação” dos alunos do curso de Arquivologia.

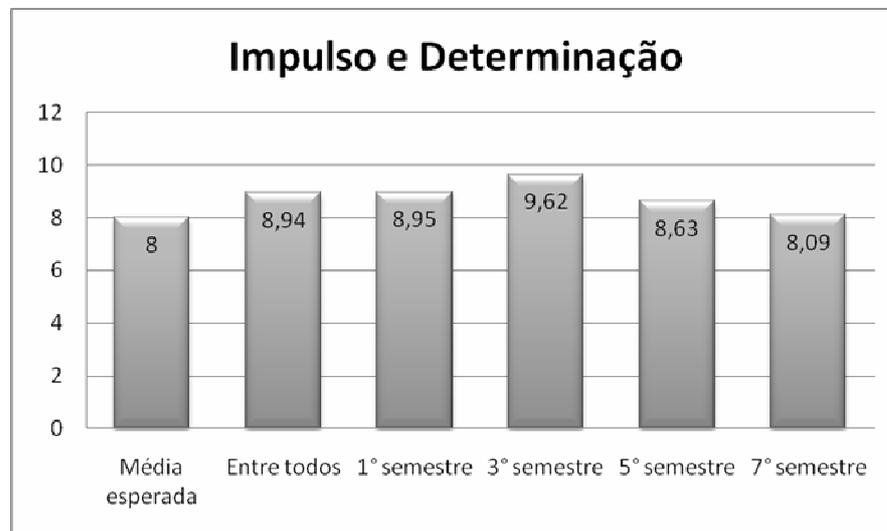


Gráfico 21 – Médias apresentadas em relação a Impulso e determinação.

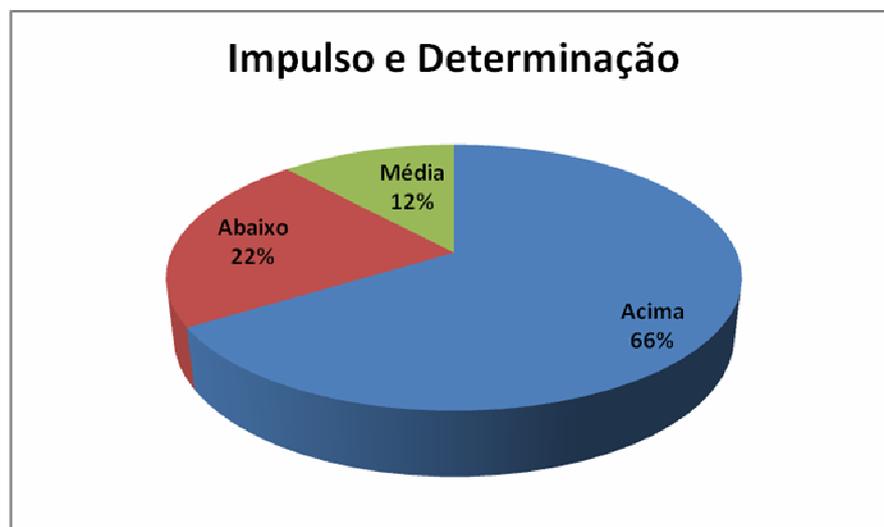


Gráfico 22 – Índice dos alunos em relação à média de Impulso e determinação.

Ao analisar os resultados, observa-se que a categoria de Impulso e determinação foi a única tendência que obteve um resultado positivo. Portanto, nesta característica todas as turmas apresentam uma média acima do esperado. Acerca disso, evidencia-se que os alunos do terceiro semestre são os que possuem uma maior tendência de Impulso e determinação, revelado pela média de 9,62.

Para Dolabela (1999) o empreendedor possui impulso e determinação à medida que define o que deve aprender para realizar suas visões; e ainda, é pró-ativo diante daquilo que deve saber, ou seja, primeiramente define o quer e onde quer chegar, depois busca o conhecimento que lhe permitirá atingir o objetivo.

Dessa forma, é por meio dessa tendência que o empreendedor efetua mudanças e transformações em seu contexto de atuação. Isso conduz a novos rumos, novos objetivos e novos patamares. Assim, pode-se observar um bom resultado nesta categoria, pois demonstra que a maioria desta população possui impulso e determinação em alcançar seus objetivos. As características inerentes a esta categoria são: aproveitar as oportunidades, não acreditar no destino, fazer a sua própria sorte, ter confiança em si mesmo, igualar resultados com esforços (FERREIRA e ARANHA, 2008).

Portanto, quanto aos alunos do curso de Arquivologia, pode-se mencionar que possuem atitudes, isto é, frente a um obstáculo significativo agem e mudam para outra estratégia a fim de enfrentar os desafios.

A partir das tendências apresentadas, “Necessidade de sucesso”, “Necessidade de autonomia”, “Tendência criativa”, “Assumir riscos” e “Impulso e determinação”; cabe destacar que são poucos os empreendedores que terão alta incidência em todas estas características em seu perfil (DORNELAS, 2003). Portanto, elas podem ser moldadas ao longo do tempo, e ainda, essas tendências encontram-se interligadas, pois ao passo que se explora as potencialidades ao assumir riscos, já se está trabalhando a tendência criativa, por exemplo.

Durante a análise dos resultados investigou-se também, se os alunos obtiveram a média ou superado, em todas as tendências. De acordo com a Tabela 3, observa-se que apenas 5 (cinco) alunos do total de 68 (sessenta e oito) respondentes apresentam as cinco tendências empreendedoras, o que corresponde à 7,35% do universo de respondentes.

Tabela 3 - Número de alunos que apresentaram as cinco tendências empreendedoras

Aluno	Necessidade de sucesso	Necessidade de autonomia	Tendência criativa	Assumir riscos	Impulso e determinação
1	10	4	8	9	8
2	10	5	8	9	10
3	10	5	11	9	11
4	10	4	8	10	11
5	11	4	8	10	11

A análise dos resultados permite inferir que os alunos do curso de Arquivologia da UFSM, em sua maioria, apresentam um nível muito baixo de empreendedorismo. Conforme Caird (1988) se os alunos obtiverem resultados na média ou acima em apenas uma das dimensões de tendência empreendedora, o nível de empreendedorismo é considerado muito baixo, portanto, observa-se que os alunos do curso de Arquivologia, em apenas uma das tendências empreendedoras, isto é, na característica de impulso e determinação, a pontuação ficou acima da média.

Ao longo da pesquisa, outra questão despertou interesse: investigou se a variável social como núcleo familiar, citada na literatura como importante para o processo empreendedor, estabelecia alguma relação, isto é, se algum aluno que tinha algum membro da família com negócio próprio possuía um perfil empreendedor. Assim, na Tabela 4, observa-se que do universo de 68 (sessenta e oito) alunos respondentes à pesquisa, apenas 9 (nove) têm um exemplo de empreendedorismo no núcleo familiar. Desses 9 (nove), apenas uma pessoa (aluno 6) possui todas as características empreendedoras.

Conforme Costa (2008), o interesse empreendedor é influenciado pela vocação empreendedora percebida na área pelo suporte de amigos e familiares, bem como pela posse de empresa na família.

Para Young (1971) os atributos e competências empreendedoras aparecem em indivíduos como resultados particulares do ambiente familiar, experiências profissionais anteriores, relações com determinados grupos e como reflexo de valores culturais gerais.

De acordo com Fillion (1991) famílias de empreendedores têm maior chance de gerar novos empreendedores e que os empreendedores de sucesso quase sempre têm um modelo, alguém que admiram e imitam.

Bygrave (1997) afirma que os elementos de caráter social podem influenciar a formação do processo empreendedor, mas alerta que tais elementos não devem ser analisados de maneira isolada, pois a vontade de criar uma empresa depende de vários fatores, como, por exemplo, a perspectiva de carreira, influência de familiares e amigos, modelos de referência, a capacidade de construir redes de relacionamentos e as condições da economia e acesso aos recursos.

Isso vem ao encontro da afirmação de Dolabela (1999), ao defender que os empreendedores nascem por influência do meio em que vivem, logo, pesquisas relativas ao perfil do empreendedor verificaram que os empresários de sucesso são influenciados por empreendedores do seu círculo de relações, como a família, por exemplo. Dessa forma, estes estudos revelam que empreendedores possuem sempre um modelo, isto é, alguém que os influencia. Assim, se uma pessoa vive em um ambiente em que ser empreendedor é visto como algo positivo, essa encontrará motivação para também ser empreendedora.

Portanto, a questão, muito citada na literatura, relacionando a pessoa que possui uma referência de empreendedorismo em seu núcleo familiar ser mais empreendedora do que outra, pareceu ter uma tímida influência sobre o comportamento empreendedor dos alunos pesquisados, à medida que do total de 5 (cinco) alunos que detém todas as tendências empreendedoras, apenas 1 (um) possui um modelo de empreendedor em sua família.

Tabela 4 - Pontuação dos alunos que possuem algum familiar empreendedor

Aluno	Necessidade de sucesso	Necessidade de autonomia	Tendência criativa	Assumir riscos	Impulso e determinação
1	6	1	10	4	7
2	4	2	9	3	9
3	9	2	7	7	9
4	5	4	6	8	9
5	9	3	9	8	10
6	10	5	8	9	10
7	7	4	7	9	11
8	7	4	9	11	11
9	7	6	7	7	12

Outra análise intencionou saber, entre a turma dos ingressantes e dos formandos, qual era a que possuía uma maior tendência empreendedora. Após analisar as características por meio das médias em cada turma, constatou-se que os alunos que iniciaram o Curso em 2010 possuem maior propensão ao empreendedorismo.

No que compete à pontuação de todas as turmas (1º, 3º, 5º e 7º semestre), ao término da pesquisa e análise dos resultados foi possível classificar, portanto, as turmas da seguinte maneira: a turma do terceiro semestre apresentou a melhor pontuação, enquanto que a pior foi da turma do sétimo semestre. Contudo, é válido reiterar que o desempenho das turmas foi um pouco semelhante, pois todas apresentaram um nível geral de tendência empreendedora abaixo da média.

A partir dos resultados, é evidente que a idéia da criação de um negócio próprio não faz parte dos planos dos acadêmicos, visto que a maioria pretende seguir carreira em órgão público ou busca um bom emprego no setor privado. Essa decisão é fortemente influenciada pela alta demanda em órgãos públicos na contratação de arquivistas, sendo que nos últimos anos houve uma oferta muito grande de concursos públicos para este profissional.

Para Dornelas (2003), um dos fatores associados ao maior nível de atividade empreendedora indica que o suporte financeiro é fundamental para o *start up*, isto é, para poder se começar o negócio. Nesse sentido, pode-se inferir que o fato dos alunos possuírem uma renda familiar razoável pode ser um limitante a não pensarem na criação de um negócio próprio.

Por outro lado, Salim et al (2004) afirmam que o dinheiro não é o mais importante ingrediente para se começar um negócio. Dessa forma, se as outras partes e talentos existirem, o dinheiro não será o problema.

Ao encontro disso, Degen (2005) também defende que um negócio pode sim começar sem dinheiro. Isso pode ocorrer se a pessoa encontrar a fórmula certa para conseguir o recurso necessário, pois a maioria dos empreendedores bem-sucedidos começaram sem reservas. Assim, o futuro empreendedor que quiser iniciar e não dispuser do dinheiro necessário deve realizar uma análise acurada de seu plano de negócios, principalmente quanto às formas de captar dinheiro com terceiros, buscando fontes de financiamento que lhe ofereçam as melhores condições de crédito.

Quanto às disciplinas e aos docentes do Curso, observa-se que a formação acadêmica ainda precisa sofrer modificações para atender as novas demandas da arquivologia. Contudo, os resultados analisados, evidenciam que, em termos de empreendedorismo, nosso currículo não possui nenhuma disciplina específica e nas demais disciplinas, os docentes não explanam a temática em sala de aula ou em algum trabalho acadêmico.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise e discussão dos resultados, pode-se concluir, inicialmente, que os alunos do curso de Arquivologia da UFSM são em sua maioria do sexo feminino; de idade entre 19 a 25 anos; estado civil solteiro; com rendimento mensal familiar entre R\$ 930,00 até R\$ 2.325,00; não possuem familiar empreendedor; conciliam estudos com atividade extra-curricular; optaram por ingressar no curso de Arquivologia devido ao interesse pela área e hoje, objetivam prestar concurso público; em relação às disciplinas, bem como aos docentes do curso, os alunos consideram que os mesmos fornecem conteúdo para se trabalhar em uma empresa já estruturada; e ainda, não tiveram algum trabalho ou alguma disciplina que abordasse a temática de empreendedorismo durante o Curso.

Este trabalho com o objetivo geral de traçar o perfil empreendedor dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM, realizou-se por meio do Modelo de Durham, para identificar se os alunos possuem características empreendedoras.

No que se refere às características empreendedoras, afirma-se que os alunos apresentam um baixo nível de empreendedorismo, pois de acordo com as cinco tendências empreendedoras analisadas, os alunos do curso de Arquivologia da UFSM apresentam apenas a característica de impulso e determinação. Se os alunos atingem a média ou estão acima em apenas uma ou nenhuma das dimensões de tendência empreendedora, defende-se que o nível de empreendedorismo é considerado muito baixo (CAIRD, 1988).

Como os resultados analisados demonstram um baixo nível de empreendedorismo nos alunos do curso, sugere-se para essa situação a atuação conjunta do esforço individual dos alunos e da Universidade, para proporcionar um ensino mais qualificado, que não objetive apenas transmitir conhecimento, mas também vivenciar práticas e experiências, que ativem as potencialidades dos estudantes.

Portanto, o fomento de uma formação de arquivistas empreendedores, aptos a lidarem em ambientes de dúvidas, complexidades e contingências, configura-se em um desafio para os programas de graduação das universidades.

Cabe destacar o papel das universidades no sentido de implementarem projetos e programas que visem estimular a educação e a cultura empreendedora,

tanto em âmbito interno como externo as mesmas, para assim favorecer o desenvolvimento econômico e social da região.

As instituições de ensino devem propiciar aos alunos novas formas de incentivar o empreendedorismo entre os universitários. Sugere-se então, a inserção de disciplinas específicas de empreendedorismo, oficinas, palestras, projetos de ensino/pesquisa e extensão, incubadoras, enfim, ações que se configurem em estratégias para alavancar e disseminar a cultura empreendedora, resultando no desenvolvimento de jovens profissionais empreendedores.

No desenvolvimento da presente investigação, constatou-se que a literatura ainda é escassa a respeito do perfil empreendedor. E ainda, que estudos sobre empreendedorismo em arquivologia são mais raros, apenas alguns artigos sobre esse assunto foram encontrados. Portanto, vislumbra-se a necessidade de maior aprofundamento por meio de pesquisas, a fim de se estabelecer um perfil modelo, o qual possa contribuir para o aprimoramento de mecanismos adequados para o levantamento e desenvolvimento de outros estudos, bem como para estimular o alcance desse perfil junto às instituições de ensino de arquivologia.

Os resultados desta pesquisa remetem a uma reflexão sobre o papel da instituição, do Curso, dos docentes e dos alunos. Urge que se pense no processo educativo, se o mesmo propicia um ambiente baseado na gestão do conhecimento, na criatividade e na capacidade de inovar.

Nesta perspectiva, lança-se um novo desafio para a universidade, que deve ampliar seu foco de atuação, isto é, incorporar o papel de agente fomentador de inovações e comprometer-se com o desenvolvimento econômico, social e cultural da sociedade. Essa deve ser uma prática diária das instituições educacionais, pois para termos alunos empreendedores, subentende-se que a própria universidade seja empreendedora.

Por fim, torna-se fundamental também que novos estudos sejam desenvolvidos, a fim de dar continuidade à análise do perfil empreendedor dos alunos do curso de Arquivologia da UFSM, possibilitando descobrir se nossos programas de graduação têm atendido as perspectivas empreendedoras. Assim, poder-se-á ter subsídios para identificar os fatores que levam a ausência das tendências empreendedoras, bem como para avaliar o impacto que a educação empreendedora pode trazer para a formação profissional do futuro arquivista. Salienta-se, portanto, a importância do empreendedorismo, visto que a educação

empreendedora revela-se como uma forma de ensino e estímulo para a busca de soluções, criação e gestão de empreendimentos competitivos. Enfim, espera-se que este trabalho traga contribuições significativas para a formação de arquivistas, cada vez mais, alinhados às exigências do cenário corporativo.

REFERÊNCIAS

ANTÓNIA, N. M. O papel do profissional de arquivo nos processos de desenvolvimento e inovação. In: CONGRESSO NACIONAL DE BIBLIOTECÁRIOS, ARQUIVISTAS E DOCUMENTALISTAS, 9., 2007, Portugal. **Anais...** Portugal: Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas, 2007. Disponível em: <http://badinfo.apbad.pt/Congresso9/COM41.pdf> . Acesso em: 22 mai. 2010.

BELLOTTO, H. L. **Arquivística**: objetos, princípios e rumos. São Paulo: Associação de Arquivistas de São Paulo, 2002.

_____. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. 2. ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 2004.

BERNARDES, I. P. **Como avaliar documentos de arquivo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1998. (Projeto como fazer; v. 1).

BERNARDI, L. A. **Manual de Empreendedorismo e Gestão**: fundamentos, estratégias e dinâmicas. São Paulo: Atlas, 2003.

BITTENCOURT, P. R.; VIEIRA, T. O. **Perspectivas da graduação em Arquivologia na modalidade educacional a distância no Brasil**. In: VII Congreso de Archivología del Mercosur. Montevideo: Asociación de Archiveros de Chile. 2007. Disponível em: <http://www.asocarchi.cl/DOCS/105.pdf> . Acesso em: 29 mai.2010.

BYGRAVE, William D. The entrepreneurial process. In: BYGRAVE, William D. (Ed.). **The portable MBA in entrepreneurship**. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1977. p. 1-26.

BORTOLUZZI, R. **Perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia (2008)**: Um estudo na Universidade Federal de Santa Maria. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arquivologia, UFSM. Santa Maria, 2009.

BRASIL. Lei n. 6.546, de 4 de julho de 1978. Dispõe sobre a regulamentação das profissões de Arquivista e de Técnico de Arquivo, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 de jul. 1978. Disponível em: < <http://www.conarq.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=92&sid=52> >. Acesso em: 25 mai. 2010.

BRITTO, F.; WEVER, L. **Empreendedores brasileiros**: vivendo e aprendendo com grandes nomes. 2.ed. Rio de Janeiro : Campus, 2003.

CAIRD, S. **A review of measuring enterprise attributes**. DUBS, august, 1988.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo**: dando asas ao espírito empreendedor. 3.ed. Rio de Janeiro: Ed. Saraiva, 2008.

COSTA, F. J. **Fatores de influência no interesse empreendedor**: uma análise junto a estudantes de turismo. In: Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. 2008.

COUTURE, C.; MARTINEAU, J. **La formation em archivistique et le profil de l'archiviste contemporain**. In: Archivum. Conseil International des Archives. München: K. G. Printed by Wnders: Zwollw, The Netherlands. 2000. v.XLV.

DEGEN, R. **O empreendedor**: fundamentos da iniciativa empresarial. São Paulo: Makron Books, 2005.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005. (Publicações Técnicas, n. 51).

DOLABELA, F. **O segredo de Luísa**. São Paulo: Picture, 1999

_____. **Oficina do empreendedor**. Rio de Janeiro: Sextante, 2008.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo corporativo**: como ser empreendedor, inovar e se diferenciar em organizações estabelecidas. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

_____. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DORNELES, S. L. **O perfil dos acadêmicos do Curso de Arquivologia da UFSM (2004)**. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Arquivologia, UFSM. Santa Maria, 2005.

DUARTE, Z. Arquivo e arquivista: conceituação e perfil profissional. Revista da Faculdade de Letras, Porto, 2006. p. 141-152. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6624.pdf> . Acesso em: 22 mai.2010.

DUCHEIN, M. **Archives, archivistes, archivistiques**: définitions et problématique. In: DIRECTIONS DES ARCHIVES DE FRANCE. La pratique archivistique française. Paris, Archives Nationales, 1993.

ESPOSEL, J. P. P. **Introdução a Arquivologia**: roteiro de ensino. 1980. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1980.

_____. **Arquivos**: uma questão de ordem. Niterói: Muiriquitã, 1994.

FERREIRA, R. C.; ARANHA, E. A. **Análise do perfil empreendedor de graduados em Engenharia de Produção Mecânica**. Universidade Federal de Itajubá. Minas Gerais: UNIFEII, 2008

FILION, L. J. Empreendedorismo: empreendedores e proprietários – gerentes de pequenos negócios. In: **Revista de administração**. v. 34, n. 2, p. 05-28, abr. - jun. 1991.

_____. Empreendedores e Proprietários de pequenos negócios. In: **Revista USP** – Revista da Administração, São Paulo. 1999

_____. **O Empreendedorismo como tema de estudos superiores**. Instituto Euvaldo Lodi Empreendedorismo: Ciência, Técnica e Arte. Brasília: IEL Nacional, 2000.

FONSECA, M. O. K. **Arquivologia e ciência da informação**. São Paulo: Editora Getúlio Vargas, 2005.

GAIÃO et al. **Diagnóstico da tendência empreendedora através do modelo de Durham**: um estudo de caso no setor educacional. Qualit@s Revista Eletrônica ISSN 1677 4280 Vol. 8. N. 3. 2009. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/639/338> . Acesso em: 05 mai. 2010.

GAK, L. C.; GAK, I. **Educação Arquivística a Distância**: a democratização do conhecimento arquivístico. In: VII Congreso de Archivología del Mercosur. Montevideo: Asociación de Archiveros de Chile. 2007. Disponível em: <http://www.asocarchi.cl/DOCS/145.pdf> . Acesso em: 30 mai.2010.

GARCEZ, I. J. J.; SANTOS, M. O. **O reflexo da empregabilidade do profissional arquivista formado pela Universidade Federal Fluminense entre 2000 e 2005.** Universidade Federal Fluminense. 2005.

GIBB, A. **In Pursuit of new “enterprise and “entrepreneurship paradigm for learning:** creative destruction, new values, new ways of doing things and new combinations of knowledge. *International Journal of Management Review*, Londres, v.4 n.2, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2002.

HANSEMARK, O. C. The effects of an entrepreneurship programme on need for achievement and locus of control of reinforcement. **International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research**, V.4, n.1, p., 28-50. 1998.

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P. **Empreendedorismo.** 5.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

HISRICH, R. D. et al. **Empreendedorismo.** 7.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

INDOLFO, Ana Celeste. O perfil dos estudantes de Arquivologia da UNI-RIO. In: JARDIM, José Maria, FONSECA, Maria Odila. (orgs.). **A formação do arquivista no Brasil.** Niterói : Eduff, 1999.

INSTITUTO EUVALDO LODI. **Empreendedorismo: ciência, técnica e arte.** Brasília: CNI – IEL Nacional, 2000.

JARDIM, J. M. A universidade e o ensino de arquivologia no Brasil. In: **Algumas reflexões sobre o ensino e praticas na área da informação.** Niterói: EdUFF, 1998 (Estudos e Pesquisas, n. 2).

JARDIM, J. M.; FONSECA, M. O. A universidade e o ensino de Arquivologia no Brasil. In: **A formação do arquivista no Brasil.** I Reunião Brasileira de Ensino de Arquivologia. Niterói: Editora EdUFF, 1999.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Diretrizes curriculares para os cursos de Arquivologia.** Parecer CES 492/2001 de 03 de abril de 2001. Câmara de Ensino Superior. 2001, p. 35-36.

MIRSHAWKA, V. **Gestão criativa**: aprendendo com os mais bem-sucedidos empreendedores do mundo. São Paulo: DVS Editora, 2003.

PAES, M. L. **Arquivo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1986.

PELOGGIA, L. R. **Perfil empreendedor do engenheiro na produção industrial**: o caso de duas empresas aeronáuticas no Brasil. São Paulo, 2001. Disponível em: http://www.ppga.com.br/mba/2001/peloggia_lucinei_rossi.pdf . Acesso em: 22 abr. 2010.

RAMOS, E. N. **O aporte da noção de empreendedorismo na formação do arquivista**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal da Bahia. 2008. Disponível em: http://www.twiki.ufba.br/twiki/pub/ICI/Arquivologia/Elida_Ramos.pdf . Acesso em: 26 out. 2009.

RICHTER, E.; GARCIA, O. M. C.; PENNA, E. F. **Introdução à Arquivologia**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1997.

RODRIGUES, Georgete Medleg. A formação do arquivista contemporâneo numa perspectiva histórica: impasses e desafios atuais. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, XIV., 2006, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: AAB, 2006.

ROUSSEAU, J.; COUTURE, C. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa, Portugal: Nova Enciclopédia, 1998.

SALIM, C. et al. **Administração empreendedora**: teoria e prática usando o estudo de casos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SCHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos**: princípios técnicos. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalism, socialism and democracy**. Harper and Brothers, New York, 1942.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3.ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, A. M.; RIBEIRO, F. **Formação, perfil e competências do profissional de Informação.** VIII Congresso Nacional de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas. 2004. Disponível em: <http://badinfo.apbad.pt/congresso8/com16.pdf> . Acesso em: 22 mai. 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Arquivologia.** 2004.

URIARTE, L. R. Tendência empreendedora das profissões. In: ENCONTRO NACIONAL DE EMPREENDEDORISMO. **Anais.** ENE. UFSC, 1999.

YOUNG, Frank W. A macrosociological interpretation of entrepreneurship. In: KILBY, Peter (Ed.). **Entrepreneurship and economic development.** New York: The Free Press, 1971.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Questionário



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu*
Gestão em Arquivos

QUESTIONÁRIO

O presente instrumento visa coletar dados da pesquisa: “Tendência empreendedora: perfil dos alunos do Curso de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria”, que tem por objetivo traçar o perfil empreendedor do aluno de Arquivologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como parte integrante da monografia de especialização do Curso de Pós-Graduação Lato-Sensu em Gestão em Arquivos da UFSM.

O questionário não requer identificação, dessa forma, será preservado sigilo acerca das informações prestadas.

Respeitosamente,

Aline Vedoin – alinedoain@yahoo.com.br
Professora Orientadora Olga Maria Correa Garcia

PARTE 1 - DADOS GERAIS

1. Faixa etária:

- () Até 18 anos () De 19 a 25 anos () De 26 a 35 anos
() De 36 a 45 anos () Acima de 46 anos

2. Sexo:

- () Masculino () Feminino

3. Estado civil:

- () Solteiro () Casado () Divorciado () Viúvo
() União estável () Outro

4. Local de nascimento

- () Santa Maria () Outro Qual? _____

5. Qual o rendimento médio mensal de sua família?

- () Até R\$ 465,00 () De R\$ 466,00 até R\$ 930,00
() De R\$ 930,00 até 2.325,00 () De R\$ 2.326,00 até R\$ 4.650,00
() De R\$ 4.651,00 até R\$ 13.950,00 () Acima de R\$ 13.950,00

6. Tem algum membro na sua família que possui negócio próprio?

- () Sim. Especifique? _____
() Não

7. Quais atividades você exerce no momento?

- () Apenas estuda.
() Estuda e possui bolsa (PRAE, monitoria, extensão) e/ou estágio.
() Estuda e trabalha.

8. Na escolha do curso, por que você optou por Arquivologia?

- Tinha interesse nessa área.
- Influência da família/parentes/amigos.
- Concorrência e/ou ponto de corte baixo.
- Não sabia o que escolher.
- Outro. Qual? _____

9. Após ingressar no Curso de Arquivologia, seu objetivo hoje é?

- Prestar concurso público.
- Montar um negócio próprio
- Dar continuidade ao negócio da família.
- Conseguir um bom emprego no setor privado.
- Outro. Qual? _____

10. Como você considera as disciplinas do Curso de Arquivologia?

(OBS: pode ser marcada mais de uma alternativa)

- Elas me possibilitam uma formação para eu pensar em abrir meu próprio negócio.
- Elas fornecem conteúdo para se trabalhar em uma empresa já estruturada.
- Elas fornecem conteúdo para montar negócio próprio e para trabalhar em uma empresa já estruturada.
- Outro. Qual? _____

11. Quanto aos docentes do Curso, você os considera que:

(OBS: pode ser marcada mais de uma alternativa)

- Eles dão enfoque às disciplinas que estimulam os alunos a montarem um negócio próprio.
- Eles dão enfoque às disciplinas para os alunos trabalharem em uma empresa já estruturada.
- Eles dão enfoque às disciplinas que servem tanto para os alunos montarem seu negócio próprio quanto para trabalharem em uma empresa.
- Outro. Qual? _____

12. Durante o Curso você realiza algum trabalho ou tem alguma disciplina que aborde a temática de “empreendedorismo”?

- Sim. Especifique: _____
- Não.

PARTE 2 - TESTE TEG: TENDÊNCIA EMPREENDEDORA GERAL - MODELO DE DURHAM (1988)¹⁵

Instrução para preenchimento:

Na seqüência, você encontrará uma lista com 54 frases diferentes, pedimos que responda circulando “A” para de **A**cordo ou “D” para **D**esacordo. Essas respostas deverão ser assinaladas na **folha de respostas**, que será entregue juntamente com o questionário

Questões:

1. Não me preocuparia ter um trabalho rotineiro e sem desafios, se o pagamento fosse bom.
2. Quando tenho que fixar meus próprios objetivos, prefiro que sejam mais difíceis do que fáceis.
3. Não gosto de fazer coisas inovadoras ou pouco convencionais.
4. As pessoas competentes que não conseguiram êxito, na verdade não souberam aproveitar as oportunidades que foram apresentadas a elas.

¹⁵ Fonte: Peloggia (2001)

5. Raramente sonho acordado.
6. Sou acostumado a defender meu ponto de vista, mesmo que alguém não esteja de acordo comigo.
7. Ou sou bom por natureza em alguma coisa ou não sou, o esforço posterior não muda as coisas.
8. Às vezes, as pessoas dizem que as minhas idéias são pouco usuais.
9. Se tivesse que jogar R\$ 100,00 preferiria comprar um bilhete de rifa a jogar em cartas.
10. Eu prefiro desafios que ponham em prova as minhas habilidades do que coisas que faço com facilidade.
11. Preferiria ter um desempenho razoável em um trabalho seguro, do que ter um trabalho que eu poderia perder se o meu desempenho não fosse assim tão bom.
12. Eu gosto de fazer as coisas à minha maneira, sem me preocupar com que os outros possam pensar.
13. Muitos dos maus momentos da vida por que passa uma pessoa se deve, na verdade, ao azar.
14. Eu gosto de discutir muitas coisas, mesmo que para isso eu deva enfrentar alguns problemas.
15. Se uma tarefa se torna muito difícil, eu a deixo de lado e faço outra coisa.
16. Quando faço planos para fazer alguma coisa, quase sempre faço o que planejei.
17. Não gosto de mudanças repentinas na minha vida.
18. Assumo riscos mesmo se as chances de êxito forem de 50%.
19. Penso mais no presente e no passado do que no futuro.
20. Se eu tivesse uma boa idéia para ganhar dinheiro, estaria disposto a pedir um empréstimo para que pudesse realizá-la.
21. Quando estou em um grupo, prefiro que outra pessoa seja o líder.
22. Geralmente as pessoas têm o que merecem.
23. Não gosto de ficar tentando adivinhar as coisas.
24. É mais importante fazer bem um trabalho do que tentar fazer amizades.
25. Conseguirei o que eu quero da vida se eu agradar as pessoas com controle sobre mim.
26. As outras pessoas reclamam que faço muitas perguntas.
27. Se existe a possibilidade de fracassar, prefiro não correr o risco.
28. Irrita-me a falta de pontualidade de certas pessoas.
29. Antes de tomar uma decisão, gosto de ter bem claro todos os possíveis erros que poderão me fazer perder muito tempo.
30. Ao começar um trabalho, raramente necessito ou quero ajuda.
31. O êxito só chega se você estiver no local certo, na hora exata.
32. Prefiro saber fazer várias coisas a ser bom em uma única coisa.
33. Prefiro trabalhar com uma pessoa que goste de mim, mas que não é muito competente no trabalho, do que com alguém competente, mas com quem eu não me dou muito bem.
34. O sucesso é o resultado de muito trabalho, a sorte não tem nada haver com isso.
35. Prefiro fazer as coisas do modo habitual antes de tentar uma nova maneira.
36. Antes de tomar uma decisão importante, prefiro pesar os prós e os contra rapidamente ao invés de perder muito tempo pensando neles.
37. Gosto de fazer trabalho em equipe, do que assumir a responsabilidade de um trabalho sozinho.
38. Prefiro aproveitar a oportunidade que possa mudar as coisas para melhor, antes de ter uma experiência que desfrutaria de toda a segurança.
39. Faço o que os outros esperam de mim e sigo instruções.
40. Para mim, conseguir o que quero tem pouco a ver com sorte.
41. Eu gosto de organizar a minha vida de modo que tudo transcorra de forma suave e planejada.
42. Quando enfrento um desafio, penso mais nas conseqüências do êxito que nas do fracasso.
43. Acredito que as coisas que me acontecem estão determinadas por outras pessoas.
44. Consigo fazer muitas coisas ao mesmo tempo.

45. É muito difícil eu pedir favores a outras pessoas.
46. Levanto-me cedo e esqueço do horário, quando quero terminar uma tarefa especial.
47. Habitualmente é melhor aquele com quem estou acostumado que aqueles que me são desconhecidos.
48. A maioria das pessoas pensa que sou ousado.
49. Raramente os fracassos são resultados de um mau planejamento.
50. Às vezes tenho tantas idéias que não sei qual delas escolher.
51. É difícil eu relaxar quando estou em férias.
52. Consigo o que quero porque trabalho muito e faço as coisas acontecerem.
53. É mais difícil para mim, adaptar-me a uma mudança que ficar na rotina.
54. Eu gosto de fazer novos projetos que possam ser arriscados.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
Curso de Pós-Graduação a Distância Especialização *Lato-Sensu*
Gestão em Arquivos

FOLHA DE RESPOSTAS

“Tendência empreendedora: perfil dos alunos do Curso de Arquivologia da UFSM”

46 A D	37 A D	28 A D	19 A D	10 A D	1 A D
47 A D	38 A D	29 A D	20 A D	11 A D	2 A D
48 A D	39 A D	30 A D	21 A D	12 A D	3 A D
49 A D	40 A D	31 A D	22 A D	13 A D	4 A D
50 A D	41 A D	32 A D	23 A D	14 A D	5 A D
51 A D	42 A D	33 A D	24 A D	15 A D	6 A D
52 A D	43 A D	34 A D	25 A D	16 A D	7 A D
53 A D	44 A D	35 A D	26 A D	17 A D	8 A D
54 A D	45 A D	36 A D	27 A D	18 A D	9 A D